

A ARTE DE DISCIPLINAR

Jogando Capoeira em Projetos sócio-educacionais

Wilson Rogério Penteado Junior

Apresentação

Este estudo é resultado da pesquisa que desenvolvi há algum tempo, desde quando comecei a me debruçar sobre os estudos referentes à capoeira. Desde então, meu interesse pelo assunto só tem aumentado.

Ao contrário da grande parte dos autores que escrevem sobre capoeira, influenciados por uma experiência prévia com essa prática, meu interesse pela capoeira foi despertado nos livros que li e no contato que tive durante a pesquisa com capoeiristas e mestres de capoeira.

A pesquisa teve início com uma bolsa de iniciação científica financiada pelo CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico através do PIBIC – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica que teve duração de um ano (2000-2001). Nesse período a pesquisa foi desenvolvida sob o título “Capoeira e Cidadania: um estudo da prática capoeirística no Projeto Comunitário da Fundação Orsa (Campinas-SP)”.

Dando continuidade à pesquisa, ampliei o foco de minhas análises para elaborar a monografia de conclusão do curso de graduação em Ciências Sociais sob o título “Capoeira e Cidadania: um estudo da prática capoeirística e sua aplicação em projetos sócio-educacionais” para obtenção do título de Bacharel em Antropologia Social e foi defendida junto ao departamento de Antropologia Social do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas/ UNICAMP.

E a presente versão que aqui apresento é a ampliação da monografia citada acima com algumas alterações em que se busca aliar uma leitura interessante ao público em geral, sem, contudo, perder o rigor científico a que se propôs a pesquisa desde o início de seu desenvolvimento.

Neste sentido, espero que esta pesquisa se mostre relevante para estudiosos interessados no assunto e a todos aqueles que se rendem aos aspectos dessa prática de

vários rostos e nomes tão variados – *capoeira, brinquedo, vadiação*, e, como sugiro aqui, *arte de disciplinar* – quanto são as suas funções.

Introdução

Analisando a capoeira na sociedade contemporânea, podemos perceber suas manifestações em diferentes contextos sociais. Um exemplo são as academias esportivas que mantêm entre suas atividades a prática da capoeira, sendo mantida como modalidade de defesa pessoal e/ou melhoramento estético do corpo. Um outro exemplo são algumas instituições oficiais de ensino que mantêm a capoeira como parte integrante das atividades de educação física.

A capoeira tem sido aplicada também por vários terapeutas que comprovam a eficácia de sua prática. Antônio Lopes Ribeiro (1992), autor do livro *Capoeira Terapia* apresenta um artigo escrito pela fisioterapeuta Mary D. S. Portugal, afirmando que “*A capoeira vem tendo destaque muito grande, não só como esporte, mas, no caso dos portadores de deficiência, ela atua verdadeiramente como terapia (... e) proporciona a liberação de sentimentos como agressividade e medo, levando o portador de deficiência a adquirir uma condição física mais satisfatória e um comportamento mais socializado*” (1992:24).

Assim, podemos entender que a capoeira, enquanto prática social, é capaz de servir a propósitos distintos, conforme quem a pratica e o lugar onde é praticada. Partindo desse princípio, propomos no presente estudo analisar a capoeira enquanto prática educativa voltada à formação de crianças e jovens amparados por projetos sócio-educacionais. Em muitas dessas instituições a capoeira tem sido vista como condutora de seus frequentadores aos princípios de cidadania^[1].

Este fenômeno se explica pela própria concepção que muitos mestres possuem acerca da capoeira, entendendo-a como filosofia de vida. Filosofia esta que se faz mediante princípios morais valorizados na convivência do homem em sociedade tais como: respeito mútuo, auto-controle, cooperação, disciplina, obediência, destreza, agilidade etc. Neste contexto, a capoeira passa a ser entendida *como um meio e não como um fim em si mesmo* que contribui para a formação cidadã de seus praticantes.

Um dos projetos comunitários que apostam na capoeira enquanto prática educativa é o Projeto de Formação I, mantido pela Fundação Orsa, localizado no Jardim Santa Lúcia, na periferia do município de Campinas-SP que mantém cerca de 130 crianças e jovens (entre 7 e 17 anos) desempenhando, além da capoeira, outras atividades sócio-culturais como a dança, a música e as artes plásticas.

Há pelo menos quatro anos, Mestre Salvador, um baiano de aproximadamente 44 anos de idade, iniciou as atividades de capoeira com os frequentadores dessa instituição. Explicitando seu trabalho, o mestre afirma que neste projeto “... *eles* (seus alunos de capoeira na instituição) *aprendem a ter disciplina*^[2]”.

Como referência comparativa, incluímos na análise desse estudo as atividades de capoeira desenvolvidas na *Oficina Capoeirar* do “Projeto: Ame a Vida Sem Drogas” da FEAC (Federação das Entidades Assistenciais de Campinas), que desenvolve suas atividades no prédio da Escola Estadual Prof. Messias Teixeira, situada no sub distrito de Nova Aparecida – Campinas. Trata-se de um projeto que atende crianças e jovens moradores na periferia e que, assim como o Projeto de Formação I da Fundação Orsa, entende a capoeira como prática pedagógica capaz de conduzir seus praticantes aos princípios morais valorizados pelo homem no convívio social.

Assim sendo, considerando os princípios de cooperação, respeito mútuo, disciplina, autocontrole e vários outros valorizados por mestres e professores de capoeira que concebem-na enquanto filosofia de vida, **buscamos neste estudo analisar de que forma estes princípios atingem as crianças e jovens envolvidos nos projetos observados averiguando as efetivas contribuições para a formação destes futuros cidadãos.**

A metodologia adotada nesta pesquisa é de natureza essencialmente qualitativa, isto é, privilegiou-se o método de observação participante no *Projeto de Formação I* e na *Oficina Capoeirar*, além de entrevistas que foram realizadas com os coordenadores pedagógicos, mestre de capoeira, monitor de capoeira e crianças e jovens envolvidos em ambos os projetos comunitários. Através das entrevistas, o que se buscou foi transformar a conversa com os sujeitos entrevistados, na fonte de dados, concebendo-os, não como informantes apenas, mas como interlocutores com quem se estabeleceu uma interação e um diálogo. Tais diálogos se mostraram importantes na medida em que possibilitaram conhecer com certa profundidade o perfil sócio-cultural dos sujeitos envolvidos na pesquisa, além de apontarem inúmeras questões e pistas consideráveis que contribuíram para que atingíssemos os objetivos propostos neste estudo.

Evidentemente, que para entendermos a capoeira tal como ela é concebida por mestres e demais praticantes atualmente, não podemos desprezar seu histórico. Assim, iniciamos nosso estudo com uma sólida discussão sobre a trajetória da capoeira no Brasil ancorados em competentes estudos antropológicos e historiográficos para, então, entrarmos especificamente na discussão sobre a capoeira ensinada a crianças e jovens frequentadores dos projetos sócio-educacionais observados.

Feito isso, partimos para as considerações finais a que chegamos com os dados analisados.

Parte 1

Os Estudos Sobre a Capoeira

Questões que se referem ao lugar de origem da capoeira são as mais abordadas pelos autores que se dedicaram ao assunto. Um pequeno grupo de autores defende a idéia de que a capoeira é originária da África; este é o caso, por exemplo, do folclorista Luís da Câmara Cascudo (1967) em sua obra *Folclore do Brasil/ Pesquisas e Notas* ao afirmar que “A unanimidade das fontes brasileiras indica a capoeira como tendo vindo de Angola. *Capoeira Angola, vadiação ou brinquedo, como dizem na cidade de Salvador*”(1967:181). Para este folclorista a capoeira seria o *N’golo*, dança praticada no Sul de Angola. Escreve:

“Entre os *mucope* do Sul de Angola, há uma dança da zebra, *N’golo*, que ocorre durante a *Efundula*, festa da puberdade das raparigas, quando essas deixam de ser *muficuenas*, meninas, e passam à condição de mulheres, aptas ao casamento e à procriação. O rapaz vencedor no *N’golo* tem o direito de escolher esposa entre as novas iniciadas e sem pagar o dote esponsalício (...) O *N’golo* é a Capoeira ...”.

(Câmara Cascudo, 1967:184).

Alceu Maynard Araújo (1977), outro folclorista que escreveu sobre a capoeira, também acredita na origem africana dessa prática ao argumentar em seu livro *Cultura Popular Brasileira* que:

“O excelente esporte de ataque e defesa (a capoeira), trazido pelos negros de Angola, foi largamente praticado no Brasil onde estiveram presentes os escravos daquele estoque racial africano – o bantu – (que) sofreu depois implacável perseguição e recentemente parece renascer”.

(Araújo, 1977:102).

A postura desses dois autores citados acima corresponde em certa medida à posição adotada pelos estudiosos do folclore que procuram as *origens* e a *essência* das manifestações sócio-culturais.

No entanto, a maioria dos autores que investiram nos estudos sobre a capoeira, alega que esta prática é oriunda no território brasileiro. O princípio seguido por esses autores é o da dinamicidade da cultura, ou seja, de que a cultura é dinâmica; o que significa que a capoeira foi originada no Brasil através de vários elementos culturais trazidos pelos negros africanos aqui escravizados em contato com outros valores culturais já existentes na América.

Waldeloir Rego (1968), um antropólogo baiano, foi, certamente, um dos primeiros estudiosos a perceber a capoeira por este prisma. Em seu trabalho *Capoeira Angola: Ensaio sócio-etnográfico*, desenvolvido nos anos sessenta, argumenta que:

“No caso da capoeira, tudo leva a crer seja uma invenção dos africanos no Brasil (onde) o pendor dos negros para festa, fertilidade de imaginação e agilidade foram o suficiente para usarem e abusarem dos folguedos conhecidos e inventarem muitos outros. Além da sua capacidade de imaginação, buscavam os negros, elementos de outros folguedos e de coisas outras do cotidiano para inventarem novos folguedos, como teria sido o caso da capoeira”.

(Rego, 1968:31).

Em estudo mais recente, a estudiosa Adriana Barão (1998), em acordo com as proposições de Waldeloir Rego, escreve:

“Entendemos assim que esta possível gênese da movimentação da capoeira, enraizada nas danças africanas reafirma uma identidade afro-brasileira da prática, por aglutinar saberes corporais africanos, reinterpretados em território brasileiro, os quais são performatizados e vivificados no momento da roda de capoeira ...”.

(Barão, 1998:17).

O significado do termo “capoeira” também conduz a inúmeras polêmicas nos estudos sobre o tema. Waldeloir Rego (1968) faz uma detalhada análise sobre a etimologia do termo. Segundo ele, o vocábulo “capoeira” foi registrado pela primeira vez em 1712, por Rafael Bluteau. Após isso, entrou-se no terreno da polêmica e da investigação etimológica. A primeira proposição que se tem notícia é a de José de Alencar em 1865, na primeira edição de *Iracema*, repetida em 1870, em *O Gaúcho* e sacramentada em 1878 na terceira edição de *Iracema*. Alencar propôs para o vocábulo capoeira o tupi *caa-apuam-era*, traduzido por “ilha de mato já cortado”. Não demorou nada, para que em 1880, dois anos depois, Macedo Soares a refutasse dizendo que “*o nosso exímio romancista (José de Alencar) sabia muito do idioma português, pouco do dialeto brasileiro e menos ainda da língua dos brasis*” (Macedo Soares *apud* Rego, 1968:17).

É Rego ainda que nos informa sobre um outro significado para o termo capoeira:

“Ao lado do vocábulo genuinamente brasileiro de origem tupi há o português, significando dentre outras coisas cesto para guardar capões:

‘Como o exercício da capoeira, entre dois indivíduos que se batem por mero divertimento se parece um tanto com a briga de galos, não duvido, que este vocábulo tenha sua origem em capão, do mesmo modo que damos em português o nome de capoeira a qualquer espécie de cesto em que se metem galinhas’(Beaurepaire Rohan *apud* Rego, 1968).

Brasil Gerson (...) fazendo a história da rua da Praia de D. Manuel (RJ), informa que lá ficava o grande mercado de aves e que nele nasceu o jogo da capoeira, em virtude das

brincadeiras dos escravos que povoavam toda a rua, transportando nas cabeças as suas capoeiras cheias de galinhas”.

(Rego, 1968:24).

Um outro significado para o termo “capoeira” seria atribuído a uma ave – *Odontophorus capueira*, Spix – encontrada, principalmente, no Paraguai e Brasil. Os autores que atribuem o significado do termo “capoeira” para esta ave argumentam que o macho dessa espécie trava lutas tremendas com o rival na disputa pela fêmea. Partindo disso, explicam que os passos de destreza da luta-capoeira foram copiados dos movimentos desta ave.

Contudo, apesar de tantas interpretações para o termo, não há uma definição unicamente aceita.

Semanticamente falando, o vocábulo existe nas mais variadas acepções, as quais seguem abaixo:

- *Capoeira* – Espécie de cesto feito de varas, onde se guardam, galinhas e outras aves.
- *Capoeira* – Local onde fica a criação.
- *Capoeira* – Carruagem velha.
- *Capoeira* - Designa uma peça de moinho.
- *Capoeira* - Lenha que se retira da capoeira, lenha miúda.
- *Capoeira* - Designa uma ave (*Odontophorus capueira*, Spix), também conhecida pelo nome de *Uru*.
- *Capoeira* - Espécie de jogo atlético.

(cf. Rego, 1968:25).

Interessante observar, que vários estudiosos da *cultura popular* brasileira atribuem à capoeira o surgimento do frevo. Um desses estudiosos é Alceu Maynard Araújo (1977) que argumenta que “*Na verdade (o frevo) é mais popular do que propriamente folclórico; não resta dúvida que nasceu da capueira*” (1977:86). Nesta mesma linha de raciocínio temos Eudenise Limeira (1977) que ao descrever a apresentação de frevo nos carnavais, informa que “*A apresentação segue o seguinte plano: primeiro vêm os clarins, os morcegos e balisas, estes dançam ao redor do porta-estandarte para protegê-lo, como faziam no passado os brabos e capoeiras*” (1977:27).

Segundo o historiador Liberac Simões Pires (1996), a capoeira teria também uma aproximação com o samba. Segundo suas palavras:

“... o samba e a capoeira produziram momentos de grande reciprocidade, assim têm-se o ‘Samba Duro’ e a ‘Pernada Carioca’, que se originaram da participação dos capoeiras nas rodas de samba, tanto em Salvador quanto no Rio de Janeiro. Há também as evoluções do Mestre Sala. Diz a tradição do Samba que o Mestre Sala se originou nos blocos que portavam uma bandeira representativa da agremiação, e que caberia, geralmente, aos capoeiras protegerem tais bandeiras nos desfiles, pois outros grupos, de outros blocos, poderiam tentar tomá-las. Assim, o Mestre Sala seria em suas origens um adepto da capoeiragem”.

(Pires, 1996:171).

A explicação encontrada pelos estudiosos para a presença da capoeira em outras manifestações culturais é sua capacidade de se apresentar de modos variados e em contextos diferentes conforme as necessidades impostas.

Almir das Areias (1984), por exemplo, entende a capoeira como uma:

“... arte cheia de nuances que sobreviveu à perseguição dos poderosos, mesclando-se de quantas formas fossem necessárias para sua preservação (...) comparando-se, a um camaleão, que muda de cor conforme a situação”.

(Areias, 1984:8).

Isso nos leva à constatação de que o que temos hoje com a prática da capoeira não é o resultado de uma forma cultural que se manteve estática através dos séculos, mas ao contrário: *negros* e *brancos* reinventando continuamente a capoeira em contextos específicos.

Inserida nas mais diversas situações histórico-sociais, durante o período escravocrata a capoeira representou um modo de resistência física e cultural, diante do sistema vigente.

Já por volta da segunda metade do século XIX, isto é, nos últimos anos da escravidão no Brasil, ela se apresentou, sobretudo, como uma “prática de rua”. Era então praticada por indivíduos marginalizados, fossem estes negros ou não.

A antropóloga Letícia Vidor de Sousa Reis (1997) aponta para a utilização da navalha na capoeira praticada no período. Segundo ela, a presença da navalha na capoeira do século XIX deveu-se à convivência dos capoeiras com outros indivíduos marginalizados da época.

“No final do século XIX, no Rio de Janeiro, os capoeiras eram chamados também de ‘navalhistas’, pois sua arma mais característica era a navalha que teve seu uso generalizado por influência do ‘fadista’ português. Embora se desconheça o motivo de ser a arma preferida pelos capoeiras daquela época é possível que a navalha, no século XIX, tenha se constituído num símbolo étnico negro. Simbolicamente a navalha, quando aberta, toma a forma de duas pernas e, quando fechada, ‘esconde’ a surpresa do ataque na lâmina guardada, além de exigir destreza em seu uso, pois do contrário, corta seu utilizador. Atualmente a navalha faz parte da decoração das paredes das academias de capoeira, onde é pendurada como símbolo da memória heróica de luta dos capoeiras do passado. Apenas em ocasiões solenes, desprovida de corte, é ritualmente utilizada no jogo, sempre por dois capoeiristas experimentados que a prendem entre os dedos do pé”.

(Sousa Reis, 1997:82).

Ao longo do tempo, a capoeira sempre sofreu duras perseguições embora sua prática tenha sido considerada crime somente em 1890 permanecendo como tal até a década de 1930, quando foi legalizada durante o governo getulista passando a ser praticada por membros pertencentes a várias camadas sociais sendo representada como uma modalidade predominantemente esportiva.

A capoeira é tratada por alguns estudiosos como dança, por outros como luta e por outros ainda como esporte, principalmente devido ao discurso empreendido durante o governo getulista, nos anos 30 do século XX, que elegia a capoeira como “Esporte Nacional”. Sobre essa discussão, considero o trabalho de André Luiz de Oliveira (1993) o mais coerente, pois esse autor define a capoeira como um *jogo-de-luta-dançada*, uma vez que a capoeira traz em sua performance gestos corporais que obedecem aos ritmos de instrumentos musicais (como o berimbau e, em alguns casos, o atabaque) ao mesmo tempo em que tais movimentos se mostram como golpes capazes de imobilizar o adversário e pode ser considerada ainda como esporte por seus movimentos corporais que exigem destreza e preparo físico dos praticantes.

Indo mais além, podemos dizer que a capoeira, entendida como um jogo, comporta múltiplos sentidos. O estudioso César Barbieri (1993), lembra que a palavra jogo, em nossa língua portuguesa, tem sua origem no latim *jocus* que significa gracejo, zombaria, e que, posteriormente, tomou nas línguas românticas, o lugar de *ludus*. Contemporaneamente, podemos trazer à tona outros diferentes empregos da palavra.

Lembremos que cotidianamente o jogo, dentre outras acepções, tem significado:

- Uma atividade físico-mental, que possui um conjunto de regras próprias que conduzem a um resultado específico;
- Um brinquedo, um passa tempo em busca do divertimento;
- Um comportamento ou atitude de alguém que pretende obter vantagens de outrem, podendo caracterizar-se como “jogo franco” ou “jogo dissimulado”;

(cf. Barbieri, 1993).

Na prática capoeirística veremos que todas essas definições da palavra “jogo” se aplicam. Classificada nos estilos *Capoeira Angola* e *Capoeira Regional Baiana*, a capoeira comporta, de fato, elementos que a definem como dança, jogo e luta simultaneamente.

Os estudos referentes aos estilos da capoeira são inúmeros, alguns se atendo mais às comparações gestuais entre os estilos *Angola* e *Regional*, outros dando maior ênfase nas particularidades históricas, de um estilo em relação ao outro^[3].

Grosso modo, é possível definir a *Capoeira Angola* como aquela que comporta movimentos mais rasteiros e a *Capoeira Regional Baiana* compondo movimentos mais velozes onde se utilizam golpes visivelmente assimilados de outras lutas marciais.

Veremos que com o surgimento da *Capoeira Regional Baiana* na década de 1930, uma série de elementos novos são incorporados.

Por outro lado, veremos também que as transformações sofridas pela capoeira por volta dos anos 30 não foram as primeiras nem as únicas. Ao consultarmos estudos referentes às mais variadas épocas da história brasileira percebemos que a capoeira sofreu transformações que possibilitaram-na manifestar-se de diferentes formas ao longo do tempo.

1. Capoeira e cultura afro-brasileira

“No universo capoeirístico o sagrado está no chão. Nascida com a escravidão negra, a capoeira está impregnada de uma visão africana de mundo. E o sagrado para a cultura religiosa africana, localiza-se primordialmente na terra, no baixo, em oposição ao legado judaico-cristão que situa o sagrado no céu, no alto”.

Letícia Vidor de Sousa Reis.

Como se sabe, com o tráfico negreiro, um grande número de negros foi transportado do continente africano para terras brasileiras. Eram negros de origens étnicas distintas – isto é, grupos de negros vindos de diferentes lugares do continente africano e, portanto, falando línguas diferentes, mantendo costumes e organizações sociais também diferentes – estando numa mesma condição, qual seja, a de escravos. Não é difícil imaginar quão árdua e dificultosa foi a adaptação entre esses grupos num primeiro momento. Entretanto, os principais elementos culturais que impediam uma relação mais íntima entre esses diversos grupos foram se transformando, ao que parece, pela própria imposição da situação. A revisão de elementos culturais entre os grupos passou a ser a “palavra de ordem”.

Nesse processo de encontro entre os vários grupos de negros escravizados no Brasil, uma série de elementos culturais, sendo reinterpretados, deram origem a novas práticas culturais, como é o caso da capoeira.

Esta nossa hipótese, compartilhada por vários outros autores, exclui a possibilidade da capoeira ser um elemento de resistência cultural herdado apenas de um único grupo africano escravizado, pois numa relação de trocas culturais tão intensas como foi a dos grupos negro-africanos escravizados no Brasil, isso seria quase que impossível.

Além disso, devemos nos lembrar que *os* negros africanos foram levados para diversas partes do mundo, sendo que em nenhum lugar onde foi instituída a escravidão [exceto no Brasil] têm-se conhecimento da prática da capoeira antes da metade do século XX, a não ser em algumas regiões da África, próximo a Dakar (República de Senegal), por exemplo, para onde retornaram africanos após a libertação levando consigo coisas do Brasil, coisas não só inventadas por eles aqui, como assimiladas dos indígenas e dos portugueses (cf. Areias 1984; Rego 1968)^[4].

Nesta mesma linha de raciocínio, o pesquisador Luiz Augusto Normanha Lima (1990b) nos esclarece que vários pesquisadores que estiveram na África, principalmente em Angola, não encontraram vestígios alguns de luta parecida com a capoeira no Brasil, não existindo nomes para golpes ou toques de berimbau, ou letras de músicas de capoeira em linguagem local (cf. Lima, 1990b). Essas considerações reiteram o forte argumento de que a capoeira surgiu no convívio de negros escravizados no Brasil.

As influências adquiridas pela capoeira de outras práticas exercidas pelos negros brasileiros são visíveis.

Luiz Augusto Normanha Lima em sua obra “*Capoeira Angola: Lição de vida na civilização brasileira*”, coleta depoimentos de vários mestres de capoeira da Bahia. Preferindo não identificar nenhum dos mestres entrevistados, o autor cita a fala de um desses mestres anônimos que diz:

“A magia da capoeira é a magia do negro. Tem três partes da magia. Tem a parte de umbanda, sessão azande do candomblé e no berimbau de caboclo; Quem sabe tocar o berimbau, bate o candomblé de caboclo”.

(Lima, 1991:71).

Temos, então, um instrumento musical, o berimbau, como elemento comum tanto em algumas sessões de candomblé, como nas sessões de capoeira^[5].

Outro mestre de capoeira baiano ouvido por Luiz Augusto Normanha Lima (1991) diz que:

“... o mito da capoeira, o misticismo da capoeira, aquela parte religiosa é justamente essa de você se entregar ao jogo pedindo proteção a alguém (...). Por exemplo o candomblé, para começar o ritual deles eles pedem licença a alguém fazendo antes de tudo um preparo no

salão, ele tem que cultuar (...) uma entidade para que a coisa não aconteça de outro modo (...). O capoeirista por sua vez, ele quando entra na roda ele abaixa ali e se benze, cujos os mais experientes tem alguém a solicitar para que a coisa aconteça de um modo menos danoso possível para ele”.

(Lima, 1991:86).

O antropólogo baiano Waldeloir Rego (1968) também observa a proximidade entre a prática da capoeira e os cultos afro-religiosos. Porém, para esse autor, essa proximidade ocorre por vias indiretas:

“... entre a capoeira em si e o candomblé existe uma independência. O jogo da capoeira para ser executado não depende em nada do candomblé, como ocorre com o folguedo carnavalesco chamado Afoxé, que para ir às ruas há uma série de implicações de ordem místico-litúrgicas. Apesar de nas cantigas de capoeira se falar em mandinga, mandingueiro, usar-se palavras e composições em língua nagô e também a capoeira se iniciar com o que os capoeiristas chamam de mandinga, nada existe de religioso”.

(Rego, 1968:38).

Para esse autor, o que há entre os capoeiristas, especialmente na Bahia, é um forte envolvimento com as práticas candomblecistas. Afirma:

“Cansei de observar, várias vezes, as paredes do salão (de apresentação de capoeira) estarem, a título de decoração, infestadas de ewê peregum (folhas de peregum) cruzadas, espada de Ogum num canto, corredeiras no outro, pomba mui discretamente pulverizada, em lugar estratégico (...)”.

(Rego, 1968:40).

Neste sentido, a capoeira não guardaria nada de essencialmente religioso, sendo os eventuais símbolos afro-religiosos nela presentes, evidências resultantes de uma forte

aproximação com as religiões afro-brasileiras, através de seus praticantes, ao longo do processo histórico.

Com base nesta breve análise é possível ao leitor perceber que a capoeira não representa somente uma modalidade esportiva, pois comporta uma série de símbolos e significados que a elevam a uma condição mais complexa devendo ser compreendida como uma prática ritual, que apesar de não ser necessariamente religiosa, como vimos, traz uma série de elementos próximos de outras práticas afro-brasileiras. Isto significa afirmar que a capoeira mesmo sendo acessível aos mais variados grupos sociais, independente da cor da pele ou condição social, não pode ser entendida desvinculada do contexto em que surgiu, isto é, do contexto da escravidão com todos seus símbolos e significados.

Apesar da capoeira ter passado por uma série de transformações no século XX, como veremos mais adiante, passando a ser vista principalmente como prática esportiva, a partir dos anos trinta, ainda assim não podemos descartar seu aspecto particular de ritual. Como bem observa a antropóloga Letícia Vidor de Sousa Reis (1997), entrar na “roda” de capoeira é “dar a volta ao mundo” ou “ir pelo mundo afora”. Mas, se a “roda” de capoeira é o mundo, é um mundo diferente, particular, simultaneamente profano e sagrado, porque lá ninguém entra nem tampouco sai sem antes se benzer (pedir licença). Além disso, ao final do ritual, canta-se uma música de despedida, quando os capoeiristas, desejam-se, mutuamente, uma “boa viagem”, em seu regresso do “mundo da ‘roda’” ao “mundo dos homens” (cf. Sousa Reis, 1997).

Por sua condição escrava, isto é, pelo fato de ter surgido entre os negros escravizados no Brasil (indivíduos que no sistema escravocrata eram tratados como “coisa”, “objeto”, em suma, “seres inferiores”), a capoeira sofreu terrível perseguição.

Muitos estudiosos vêem a capoeira como um instrumento de luta nos quilombos e também nas senzalas; vêem a capoeira como uma prática direcionada exclusivamente à resistência dos negros: instrumento de luta entre os próprios negros e em especial contra feitores e capitães-do-mato, em casos de fuga. Este é o caso, por exemplo, de Almir das Areias (1984) quando afirma que:

“Não possuindo armas suficientes para se defenderem (...) torna-se necessário para os negros descobrir uma forma de enfrentar as armas inimigas (...) os escravos descobriram no seu corpo a essência da sua arma (...) é o surgimento da

arma do corpo enfrentando rifles e canhões para defender a qualquer custo o direito à vida”.

(Areias, 1984:16)^[6].

Odailton Pollon Lopes (1991), outro estudioso da capoeira, segue esta mesma linha de raciocínio quando argumenta, em um de seus estudos, que na época da escravidão o evento mais importante para a capoeira foi a formação dos quilombos, lugares onde os negros se refugiavam e aprendiam capoeira como arma de guerra para a liberdade (Lopes,1991)^[7].

Por outro lado, há estudos que sugerem que a capoeira tenha sido uma prática de *vadiação*, isto é, de distração nas horas vagas dos negros. Se assim for, devemos pensar nas limitações de se praticar a capoeira como um “passa tempo”, pelo menos no que se refere ao meio rural no período escravocrata, pois há estudos que demonstram que os trabalhadores escravos rurais dispunham de pouco, ou quase nenhum, tempo para *vadiação*. Na maior parte das fazendas o dia de folga do escravo era o único dia disponível para que cuidasse de suas plantações, ou seja, o único dia disponível para garantir sua própria subsistência. Em um de seus estudos, Manuela Carneiro da Cunha (1985) apresenta a seguinte citação:

“Os escravos das fazendas se sustentam e vestem, ou à custa do dono, o que se chama TAMINA, ou à sua própria custa dando-lhe os proprietários alguma porção de terra a cultivarem e os Sabados para trabalharem por sua própria conta. Bem se vê que meios devem adquirir os pretos, para se sustentarem a si e suas famílias, trabalhando somente nos Sabados, Domingos e Dias Santos de Guarda ... com tudo he tão miseravel a tal TAMINA que consta de mesquinhos e insalubres alimentos, que os escravos preferem o primeiro partido...”.

(Frederico Burlamaque *apud* Carneiro da Cunha, Manuela. 1985:37).

Por outro lado, pensando na dinâmica urbana da escravidão, podemos aceitar sem maiores resistências a idéia da capoeira como diversão entre escravos, pois estes não estavam, necessariamente, submetidos a trabalhos compulsórios e tinham maior acesso para circular nas ruas tendo momentos de convivência com outros negros, escravos ou não.

Desempenhando funções de carregadores ou vendedores, os negros escravos nos

centros urbanos, muitas vezes longe dos olhos de seus senhores, criavam formas de convivência nos espaços públicos.

Estudos como do historiador Carlos Eugênio Líbano Soares (1994; 1998) baseando-se em documentos referentes ao século XIX do Rio de Janeiro são interessantes, pois revelam que mesmo se mantendo como uma prática de diversão dos negros citadinos daquele período, a capoeira representou também um poderoso elemento de resistência das camadas mais pobres da época através da atuação das *maltas* (grupos de capoeiras que tomavam as ruas) preocupando as autoridades políticas.

Como funcionavam as *maltas* nos grandes centros urbanos, como a capoeira circulava entre as classes mais baixas da população e como as autoridades políticas viam esta prática, são temas do próximo capítulo, onde o leitor encontrará informações valiosas sobre a “capoeira bárbara”, terror das elites brasileiras de então. Vamos a ele.

2. Perseguição e Criminalização: A Capoeira “bárbara” no século XIX

“Junto com rameiras, prostitutas, estivadores, malandros, boêmios, os capoeiras faziam parte da buliçosa fauna das ruas dos tempos da Corte que assustava as camadas médias e também a elite dirigente. Perseguidos pelo aparato policial, os capoeiras foram presença freqüente nas páginas de crime do século XIX”.

Carlos Eugênio Líbano Soares.

Os estudos realizados sobre a capoeira praticada no século XIX são estudos que tratam da prática capoeirística no contexto urbano, da cidade do Rio de Janeiro. Para fazer a reconstituição histórica do período, os pesquisadores que se dedicaram ao tema recorreram a ocorrências policiais da época.

A antropóloga Letícia Vidor de Sousa Reis (1997) observa que por não existir pesquisas históricas a respeito da capoeira para os séculos XVI a XVIII, não é possível reconstruir o processo que levou ao seu deslocamento do campo à cidade, o que deve ter-se configurado por volta do começo do século XIX, posto que datam desse período as primeiras referências históricas a respeito dos capoeiras urbanos (cf. Sousa Reis, 1997).

O historiador Carlos Eugênio Líbano Soares (1994), informa-nos que a capoeira foi fenômeno que marcou fortemente a vida social da cidade do Rio de Janeiro no século XIX. Grupos de negros ou homens pobres de todas as origens, portando facas e navalhas, atravessando as ruas em ‘correrias’, ou indivíduos isolados, igualmente temidos, conhecedores de hábeis golpes de corpo que passaram à tradição como ‘capoeira’, compunham a cultura de rua da época (cf. Soares, 1994).

No final do século XIX, principalmente na Corte (Rio de Janeiro) notava-se a presença marcante de capoeiras nas ruas e largos, principalmente em ocasiões de festas populares. Nestas ocasiões, os capoeiras apropriavam-se do espaço público, carregando instrumentos musicais e armas (cf. Cordeiro, 1992:8).

Porém, a presença desses capoeiras neste período não era nada estável. Leticia Vidor de Sousa Reis (1997) lembra que o toque de cavalaria no berimbau, por exemplo, é de aviso ou de alerta tendo sua origem no tempo da proibição da capoeira, quando era empregado para denunciar a presença da polícia montada, do chamado “esquadrão de cavalaria”. Nestas ocasiões, um capoeirista postava-se num lugar estratégico e, ao avistar a polícia, imitava o tropel dos cavalos no berimbau para avisar aos que estavam na “roda”, que a polícia estava se aproximando (cf. Sousa Reis, 1997).

Apesar da repressão policial controlando os espaços públicos, os capoeiras mantinham sua prática organizando também “rodas” de capoeira em terrenos baldios, terreiros de candomblé, quintais de casa e torres de igrejas. Em depoimentos, velhos capoeiras dizem que em tempos de festas religiosas e enterros os capoeiras enchiam as torres das igrejas (cf. Cordeiro, 1992).

Soares (1998), ao analisar a atuação do Major Miguel Nunes Vidigal, na repressão aos capoeiras, escreve que este Major tornara-se célebre por suas “ceias de camarão”, que eram as sessões de chicoteamento a que eram submetidos os capoeiras quando surpreendidos por ele, sendo seu instrumento de trabalho longos chicotes... (cf. Soares, 1998).

Por volta de 1820 começaram a serem tomadas as primeiras medidas punitivas aos capoeiras. O intendente da polícia do Rio de Janeiro^[8], neste período, declarou:

“No particular regime desta corte tenho há muitos anos experimentado a irregularidade de ver que os pretos milicianos achados com facas e capoeiragem, que se

castigam com trezentos açoites nos cativos e três meses de obras públicas em cativos e forros, entendendo-se que estes milicianos não podem andar nelas, e passam em descanso na prisão, fazendo-se inúteis aos serviços públicos, e ao seu particular e de seus corpos. E como entendo que este modo se não preenche os fins da pena, e tendo ouvido que se precisam de pretos em Montevideú para onde até já da corte se fez recrutamento em que se podem aproveitar, lembro-me de representar que os achados em rancho de capoeiras e com facas e navalhas seria melhor embarcá-los para ali, e mandando-se aos poucos à proporção que forem aparecendo assim como os que viessem a cadeia por desordem de outro gênero ao general de Montevideú, porque além de fazerem o serviço de praça, podem mesmo pelos seus ofícios prestarem utilidade aos habitantes daquela praça, e com certeza deste expediente se conterão e procederão melhor”.

(Soares, 1998:380).

É Soares (1998) ainda, que nos informa sobre a preocupação do então Príncipe Regente, futuro Imperador do Brasil, Dom Pedro I, para com a atuação dos capoeiras na Corte do Rio de Janeiro:

“Manda o Príncipe regente pela Secretaria do Estado dos Negócios da Guerra, comunicar à intendência Geral da Polícia cópia de parte de um ofício que à sua real presença dirigiu a Comissão militar que exerce o Governo das Armas desta Corte e Província relativamente às providências que a mesma Comissão julga devem-se tomar para evitar a continuação de desordens nas ruas públicas desta cidade pelos negros capoeiras, e parecendo a Sua Alteza Real bem o que a referida Comissão aponta no citado ofício: *ordena ao intendente geral da polícia que expeça as ordens necessárias para se porem execução*

os castigos corporais nas praças públicas a todos os negros chamados capoeiras”.

[Paço, em 31 de outubro de 1821 – Carlos Frederico de Caula – Nicolau Veigas de Proença- grifos nossos].

(Soares, 1998:389).

Com o passar do tempo a punição aos escravos presos como capoeiras se tornava cada vez mais brutal. A partir de 1824 além das chibatadas, o escravo era enviado ao dique da Ilha das Cobras, onde estava sujeito a ficar até três meses preso sob trabalhos forçados (cf. Soares, 1998).

Na década de 1870 ecoavam as primeiras vozes pedindo a criminalização da capoeira. Letícia Vidor de Sousa Reis (1997) escreve que por volta de 1878 se falava sobre o assunto, porém com uma diferença qualitativa na razão da perseguição aos capoeiras. Pois, se até aquele momento, os capoeiras eram perseguidos, principalmente, porque ofereciam algum tipo de *ameaça física* aos “pacíficos cidadãos”, fosse quando cometiam ferimentos ou provocavam “desordens”, agora o argumento primordial era outro: a capoeira passava a ser tratada como uma *doença moral* que proliferava na grande e civilizada cidade, ressaltando-se a necessidade de se formalizar a criminalização da capoeira, sugerindo a deportação dos estrangeiros praticantes da capoeira e o envio dos brasileiros capoeiras para colônias penais.

Desta forma, no final do século XIX, a capoeira deixava de representar somente uma ameaça física aos “cidadãos de bem” para ser representada também como uma “ameaça moral”. A visão da capoeira como uma “doença moral” se articulava com as doutrinas evolucionistas em auge naquele final de século XIX^[9].

No ano seguinte à proclamação da República, isto é, 1890, a capoeira entrou no código penal brasileiro, sendo proibida por lei. A repressão aos capoeiras foi amparada pelo código criminal daquele ano, no capítulo XII, artigos 403 e 404, onde se previa que o elemento que fosse pego praticando essa luta cumpriria rígidas penas que iam desde prisão celular de 2 a 6 meses até deportação para a Ilha de Fernando de Noronha.

Durante essa época a repressão se estendia aos desempregados, prostitutas, sambistas, curandeiros e todos aqueles considerados não “virtuosos”.

De acordo com os estudos do historiador José Murilo de Carvalho (1987), um dos setores da população a ter sua atuação comprimida pela república foi, de fato, o dos capoeiras:

“Logo no início do governo republicano (os capoeiras) foram perseguidos pelo chefe de polícia, presos e deportados em grande número para Fernando de Noronha ...”.

(Carvalho, 1987:23).

Para entendermos a capoeira praticada durante o século XIX, e as representações que se faziam em torno dela, é importante fazermos referência à situação dos negros escravos no meio urbano, pois apesar de a perseguição ser estendida a todos os capoeiras, escravos ou não, sabe-se que foi entre os negros escravos citadinos que a capoeira efetivamente se articulava. Como observa o historiador Carlos Eugênio Líbano Soares (1998), a capoeira nos primórdios do século XIX era bem mais do que uma forma de resistência escrava; era uma leitura do espaço urbano, uma forma de identidade grupal, um recurso de afirmação pessoal na luta pela vida, um instrumento decisivo na convivência dentro da própria população cativa:

“... a capoeira era um importante espaço de sociabilidade para pretos e pardos recém-chegados ao interior da população negra, fossem jovens desembarcados há pouco dos tumbeiros, ou marinheiros e escravos de viajantes que permaneciam longo tempo na cidade do Rio de Janeiro. Esta característica foi bastante acentuada na segunda metade do século XIX”.

(Soares, 1998:32)

Ao se referir à cidade do Rio de Janeiro no século XIX, o historiador Sidney Challoub (1990) observa que os cativos se movimentavam bastante pelas ruas do Rio, e se tornava cada vez mais difícil identificar prontamente os negros escravos dos negros livres ou libertos^[10]. O meio urbano misturava os lugares sociais, escondia cada vez mais a condição social dos negros. Porém, a cidade que escondia preparava, aos poucos, a construção da cidade que desconfiava, isto é, que transformava todos os negros em suspeitos. A suspeição passava a ser generalizada: todos os negros fossem escravos, livres

ou libertos eram tratados como suspeitos, como criminosos em potencial. Assim, ao invés de uma suspeição “pontual e nominal”, articulava-se uma suspeição generalizada e contínua (cf. Challoub, 1990).

Nesse contexto, é baixada, em 1825, a determinação do toque de recolher às 22 horas no verão e 21 horas no inverno onde as patrulhas estavam autorizadas a prender todos os escravos ou pobres livres encontrados nas ruas. Cativos encontrados sem bilhete do senhor ou em tabernas, estalagens ou botequins, sozinhos ou reunidos em grupos, seriam imediatamente presos e enviados para o calabouço sofrendo castigos. Nas ruas, todos deviam ser revistados em busca de armas ou quaisquer objetos que pudessem provocar ferimento (cf. Soares, 1998).

Porém, se por um lado, os negros capoeiras eram vistos como perigo à “sociedade de bem”, isso não significa que não tenham atendido a interesses particulares de membros dessa sociedade. São inúmeros os casos de cumplicidade entre escravos e senhores nos autos policiais.

Carlos Eugênio Líbano Soares (1998), relata um caso interessante que encontrou nos inquéritos policiais da cidade do Rio de Janeiro no século XIX. Um escravo, Manoel Cabra, foi acusado de assassinato. Confessou que recebeu a ordem do seu senhor para matar, em troca da carta de alforria. A vítima era o irmão do marido de uma amante do mandante do crime. A arma do crime foi um canivete de mola, pois Manoel Cabra, como todos os capoeiras do seu tempo, se recusou a usar uma arma de fogo, pois “... *fazia volume e podia ser apalpada pelos pedestres*” (Soares, 1998:455).

Os negros capoeiras não eram requisitados apenas para atender a assuntos de ordem doméstica e particular de seus senhores. Tiveram participação ativa também nas relações político-partidárias no período de transição entre o regime monárquico e o regime republicano no Brasil. A historiadora Ângela Salvadori (1990), constata que nos últimos anos do século XIX, os negros organizaram a Guarda Negra, composta por capoeiras. O objetivo da Guarda Negra era o de preservar a monarquia e combater a propaganda republicana. Os capoeiras da Guarda Negra iam a reuniões e comícios republicanos, impedindo que acontecessem (cf. Salvadori, 1990).

Os grupos de capoeiras que tomavam o espaço público em casos como o citado por Ângela Salvadori, eram conhecidos como *maltas*. As *maltas* de capoeiras no século XIX eram organizadas por *negros* (escravos, livres ou libertos), *mulatos* e também imigrantes

portugueses. A significativa participação de imigrantes portugueses nas *maltas* de capoeiras no Rio de Janeiro é devido principalmente, ao fato de fazerem parte da população mais pobre da cidade junto à esmagadora maioria *negra* e *mestiça*. Tanto os imigrantes europeus pobres desembarcados no Brasil como a população *negra* ali existente compartilhavam as mesmas condições de vida e de trabalho, dividiam um mesmo espaço e, por vezes, moravam no mesmo cortiço, assistiam às mesmas festas, usavam as mesmas roupas e morriam das mesmas epidemias (cf. Soares, 1998).

Falamos anteriormente que, no século XIX um dos maiores símbolos da capoeira foi a navalha que, certamente foi uma influência do imigrante português – o fadista – na capoeira daquele momento. Isso mostra que o imigrante europeu não só se adaptou à nova situação que surgia à sua frente no Brasil como também influenciou este universo.

Recorremos mais uma vez ao estudo de Soares (1998), pois ele faz uma interessante análise sobre a figura do fadista português e sua aproximação com o capoeira no Brasil.

O fadista, diz Soares, “... personagem destacado da marginalidade lisboeta do século XIX fazia parte, junto com as prostitutas, marinheiros, vagabundos e rameiras do universo marginalizado lusitano. Tanto o capoeira como o fadista eram produtos de uma incipiente sociedade urbana, do século XIX, e também filhos da marginalidade cidadina. O fadista era personagem inevitável da crônica policial lisboeta, e se destacava não somente pelo canto do fado, hoje símbolo maior da cultura portuguesa, mas pela forma singular de luta, caracterizada pelo uso da navalha (...) ‘Sardinha’, ‘Rasteira’, ‘Ginga’, são alguns dos extraordinários paralelos entre a fala do fadista e a gíria da capoeiragem carioca”.

(Soares, 1998:156).

A capoeira no século XIX significou um convite a forasteiros, desamparados e outros sujeitos marginalizados nos grandes centros urbanos que acabavam se integrando às várias *maltas* de então.

Porém, é bom que se diga: *as maltas* de capoeira não atuaram somente contra policiais, soldados ou senhores violentos. Elas também serviram para acertar diferenças e marcar hierarquias dentro da própria massa de marginalizados.

O escritor Aluísio de Azevedo narra de forma interessante um conflito entre duas *maltas* de capoeiras em seu livro “*O Cortiço*”. Trata-se, do confronto entre a *malta* “Cabeça-de-Gato” e a *malta* “Carapicus”. Sigamos a narração do conflito:

“ Os Cabeça de Gato foram confrontar os Carapicus para vingar a morte de seu chefe, Firmo (...). Os Cabeça de Gato assomaram afinal ao portão (do Cortiço). Uns cem homens, em que se não via a arma que traziam. Porfirio vinha na frente, a dançar, de braços abertos, bamboleando o corpo e dando rasteiras para que ninguém lhe estorvasse a entrada. Trazia o chapéu à ré, com um laço de fita amarela flutuando na copa.

_Agüenta! Agüenta! Faz frente! Clamava de dentro os Carapicus.

E os outros, cantando o seu hino de guerra, entraram e aproximaram-se lentamente, a dançar como selvagens.

As navalhas traziam-nas abertas e escondidas na palma da mão.

Os Carapicus enchiam a metade do cortiço. Um silêncio arquejado sucedia à estrepitosa vozeria do rôlo que findara. Sentia-se o hausto impaciente da ferocidade que atirava aquêles dois bandos de capoeiras um contra o outro (...). E os Cabeça de Gato aproximavam-se cantando, a dançar, rastejando alguns de costas para o chão, firmados nos pulsos e nos calcanhares. Dez Carapicus saíram em frente; dez Cabeça de Gatos se alinharam defronte dêles. E a batalha principiou, tão desordenada e cega, porém com método, sob o comando de Porfirio que, sempre a cantar ou assobiar, saltava em tôdas as direções, sem nunca ser alcançado por ninguém. Desfiaram-se navalhas contra navalhas, jogaram-se as cabeçadas e os voa-pés. Par a par,

todos os capoeiras tinham pela frente um adversário de igual destreza que respondia a cada investida com um salto de gato ou uma queda repentina que anulava o golpe. De parte a parte esperavam que o cansaço desequilibrasse as fôrças, abrindo furo à vitória; mas um fato veio neutralizar inda uma vez a campanha: imenso rebentão de fogo esgargalhava-se de uma das casas do fundo, o número 88. E agora o incêndio era a valer.

Houve nas duas maltas um súbito espasmo de terror. Abaixaram-se os ferros e calou-se o hino de morte. Um clarão ensangüentou o ar, que se fechou logo de fumaça fulva (...). Os Cabeça de Gato, leais nas suas justas de partido, abandonaram o campo, sem voltar o rosto, desdenhosos de aceitar o auxílio de um sinistro e dispostos até a socorrer o inimigo, se assim fosse preciso. E nenhum dos Carapicus os feriu pelas costas. A luta ficava para outra ocasião. E a cena transformou-se num relance; os mesmos que barateavam tão facilmente a vida apressavam-se agora a salvar os miseráveis bens que possuíam sôbre a terra. (...) E começou a aparecer água. Quem a trouxe? Ninguém sabia dizê-lo; mas viam-se baldes e baldes que se despejavam sôbre as chamas”.

(Aluísio de Azevedo, S/d:202-204).

Embora se trate de uma obra de ficção, a narrativa de Aluísio de Azevedo se mostra muito importante, pois, publicada em 1890, ela demonstra através de seu autor como a capoeira era vista e representada naquele período. Termos corriqueiramente empregados aos capoeiras na imprensa da época, não se ausentaram na obra de Azevedo quando escreve que os capoeiras, “... *cantando o seu hino de guerra, entraram e aproximaram-se lentamente, a dançar como selvagens*”.

Por outro lado, a obra revela o princípio de solidariedade que havia entre os capoeiras: os “Cabeças de Gato” diante do incêndio enfrentado pelos Carapicus, não hesitaram em cessar as provocações e deixar para terminar o conflito em outro momento

abandonando “... o campo, sem voltar o rosto, desdenhosos de aceitar o auxílio de um sinistro e dispostos até a socorrer o inimigo, se assim fosse preciso”.

Ao descrever o incêndio no cortiço, Azevedo apresenta os capoeiras não apenas como rivais indissolúveis, mas como pessoas enfrentando problemas vividos em comum, onde o grande exemplo foi o incêndio ocorrido, cuja preocupação na ocasião era tão somente “... salvar os miseráveis bens que possuíam sobre a terra”.

As *maltas* de capoeira, como vimos, consistiam em grupos diferenciados entre si e que tinham por propósito marcar hierarquias, disputar poder para ver quem exercia maior controle no espaço urbano. Porém, apesar das rivalidades entre os grupos, é importante lembrar que se tratavam de pessoas pertencentes a um mesmo nível social e neste sentido compartilhavam de problemas bastante semelhantes; aqueles vividos em comum pela população marginalizada da época.

A figura do “capoeira”, isto é, o estereótipo que se criou acerca de sua figura por volta do século XIX aparecia na crônica popular como um sujeito vestido com chapéu desabado, portando uma navalha, geralmente, presa num lenço de pescoço e carregando um longo porrete. O capoeira tal como era representado naquele período, se mostrava como alguém sempre predisposto a atos de violência.

Aluísio de Azevedo, enquanto “filho de seu tempo”, acompanhando o pensamento da época, ao publicar sua obra “*O Cortiço*”, também cria o seu “tipo social capoeira” através de seu personagem, Firmo:

“ Firmo, o atual amante de Rita Baiana, era um mulato pachola, delgado de corpo e ágil como um cabrito; capadócio de marca, pernóstico, só de maçadas, e todo êle se quebrando nos seus movimentos de capoeira. Teria seus trinta e poucos anos, mas não parecia ter mais de vinte e poucos. Pernas e braços finos, pescoço estreito; não tinha músculos, tinha nervos. A respeito de barba, nada mais que um bigodinho crêspo, petulante, onde reluzia cheirosa a brilhantina do barbeiro; grande cabeleira encaracolada, negra, e bem negra, dividida ao meio da cabeça, escondendo parte da testa e estufando em grande gaforina por debaixo da aba do chapéu de palha, que êle punha de

banda, derreado sobre a orelha esquerda. Vestia, como de costume, um paletó de lustrina preta já bastante usado, calças apertadas nos joelhos, mas tão largas na bainha que lhe engoliam os pézinhos secos e ligeiros. Não trazia gravata, nem colête, sim uma camisa de chita nova e ao pescoço, resguardando o colarinho, um lenço alvo e perfumado; e na mão um grosso porrete de Petrópolis, que nunca sossegava, tantas vezes lhe dava êle a um tempo por entre os dedos magros e nervosos. Era oficial de torneiro, oficial perito e vadio; ganhava uma semana para gastar num dia; às vezes, porém, os dados ou a roleta multiplicavam-lhe o dinheiro, e então, êle afogava-se numa boa pândega. Nascera no Rio de Janeiro, na Côrte; militara dos doze aos vinte anos em diversas maltas de capoeiras; chegara a decidir eleições nos tempos do voto indireto. Deixou nome em várias freguesias e mereceu abraços, presentes e palavras de gratidão de alguns importantes chefes de partido”.

(Aluísio de Azevedo, pp.76-77).

Logo de início vemos a descrição de Azevedo sobre o estereótipo do “capoeira”. Firmo era “...um mulato pachola, delgado de corpo e ágil como um cabrito”. Aqui, mais uma vez vemos a descrição ao capoeira se aproximando de uma noção animalesca, pois Firmo era “... ágil como um cabrito”. Isso denota que, em definitivo, o capoeira era, via de regra, representado como próximo do estado de “selvageria”.

Vemos pelo trecho descrito acima como Azevedo descreve a personalidade do capoeira em que dentre os detalhes destaca-se “... um grosso porrete (...) que nunca sossegava, tantas vezes lhe dava êle a um tempo por entre os dedos magros e nervosos”. Esta colocação se mostra bastante significativa uma vez que o romancista começa a adentrar na descrição psíquica do personagem. Tratava-se de alguém que tinha uma profissão; era ele “oficial de torneiro”, mas que, a despeito disso, era igualmente “vadio, pois o que ganhava numa semana gastava num único dia” e “... às vezes,(...) os dados ou a roleta multiplicavam-lhe o dinheiro, e então, êle afogava-se numa boa pândega”.

Vemos que o personagem que representa o capoeira no romance “*O Cortiço*”, além de se aproximar à condição de animalidade – posto que sua agilidade é compara a de um cabrito –, é também um “*vadio*” que afoga-se “*numa boa pândega*”.

Sigamos um outro trecho em que a personalidade do capoeira Firmo é descrita com mais detalhes:

“O Firmo ia dormir todas as noites com Rita, mas não morava na estalagem. Só pelos domingos é que ficavam juntos durante o dia e então não relaxavam o seu jantar de pândega. Uma vez em que êle gazeara o serviço, o que não era raro, foi vê-la fora das horas do costume e encontrou-a a conversar junto à tina com o português. Passou sem dizer palavra e recolheu-se ao número 9, onde a Rita foi logo ter de carreira. Firmo não lhe disse nada a respeito das suas apreensões, mas também não escondeu o seu mau humor; esteve impertinente e rezingueiro tôda a tarde. Jantou de cara amarrada e durante o parati, depois do café, só falou em rolos, em dar cabeçadas e navalhadas, pintando-se terrível, recordando façanhas de capoeiragem, nas quais sangrara tais e tais tipos de fama; ‘não contando dois galegos que mandara pras minhocas, porque isso para êle não era gente. _ Com um par de cocadas boas ficavam de pés unidos para sempre’. Rita percebeu os ciúmes do amigo e fêz que não dera por coisa alguma”.

(Aluísio de Azevedo, S/d:110).

O trecho transcrito acima é bastante interessante, pois mais uma vez vemos a visão do autor em relação ao capoeira como “*vadio*”, já que não era raro Firmo gazear o serviço ^[11]. Além da “*vadiagem*” era um sujeito perigoso e extremamente dado a brigas já que “... *depois do café, só falou em rolos, em dar cabeçadas e navalhadas, pintando-se terrível, recordando façanhas de capoeiragem, nas quais sangrara tais e tais tipos de fama*”.

Evidentemente, as representações que se fazia acerca da capoeira no século XIX encontram explicações na condição social de seus praticantes. Negros e pobres, compondo a parcela marginalizada da sociedade, cabia a esses sujeitos a fama de *vadios*, *inconseqüentes* e *perigosos*.

Está claro que, para uma imprensa branca, a serviço dos setores dominantes da sociedade, as façanhas de capoeiras famosos eram descritas em termos de “banditismo”, “cafagestagem”, “mau caratismo”, “crime”. Porém, para a população oprimida, tais homens podiam ser identificados como verdadeiros heróis: nomes como de *Besouro Cordão de Ouro*, também conhecido como *Besouro Mangangá*, *Dois de Ouro*, *Manduca da Praia*, *Pedro Porta*, *Chico Três Pedacos*, *Matatu*, *Nascimento Grande*, *22 da Marajó* são alguns exemplos (cf. Barbieri, 1993).

Não apenas a capoeira, mas outras práticas sócio-culturais que faziam parte do universo das pessoas negras e pobres daquele momento também eram perseguidas e reprimidas.

A antropóloga Lilia Schwarcz (1987), pesquisando os jornais do século XIX conclui que os negros eram condenados e representados através de suas práticas consideradas “bárbaras” como os sambas, as capoeiras e as feitiçarias. As capoeiras, por exemplo, eram consideradas práticas que levavam exclusivamente à desordem.

Um dos artigos de jornais da época, analisado por Schwarcz diz:

“Fizeram mais uma vítima na corte os terríveis capoeiras (...) é necessário extirpar essa cáfila de vagabundos e assassinos denominados capoeiras”.

(Província de São Paulo, 23 de maio de 1888).

Não apenas no Rio de Janeiro, mas também em São Paulo os capoeiras sofriam forte perseguição. Como mostra Schwarcz, em São Paulo existia uma verdadeira campanha contra esta prática que sempre, segundo jornais, levava a incidentes às vezes fatais. Um dos artigos apresentados pela autora diz:

“Ante-hontem às 7 e meia da noute, no pátio de São Bento deu-se o assassinato de um preto liberto de nome Innocêncio. Ao que consta os dous actores do triste drama estando a jogar capoeira por mero gracejo azedaram-se sendo Innocêncio inesperadamente assassinado”.

(Província de São Paulo, *ibidem*).

Praticada principalmente por pessoas dos estratos sociais mais baixos a capoeira, até o início do século XX, significou o medo dos demais cidadãos e uma das principais

preocupações às autoridades da época. Em sua edição de 07 de agosto do ano de 1877, o *Diário do Rio de Janeiro*, observava que:

“(...) a capoeira é a gramma das nossas ruas: a enchada da polícia arranca-a de um lado e ela aparece de outro”.

(cf. Barbieri, 1993).

Como constata a antropóloga Letícia Vidor Sousa Reis (1997), nas representações sociais sobre os capoeiras produzidas ao longo do século XIX, um elemento logo se destacava: o medo. Esse era o sentimento fundamental que os capoeiras despertavam nas elites, o qual aparece sob diversas denominações e sugere graus distintos de intensidade (cf. Sousa Reis, 1997).

As representações das elites acerca da capoeira naquele período não eram, evidentemente, sem propósitos. Praticada nas ruas, a capoeira abarcava indivíduos com os mais diversos históricos de vida. Afora o pensamento preconceituoso, racista e cosmopolita que imperava entre as elites, é fato que a capoeira sendo praticada nas ruas significava antes de tudo a “desordem” ocasionando em atritos, inclusive entre capoeiristas, que podiam muitas vezes resultar em vítimas fatais.

Os inevitáveis confrontos gerados entre capoeiras, sejam individualmente ou através das *maltas* podem ser mais bem compreendidos se entendermos que na rua, o mundo tende a ser visto como um universo onde todos tendem a estar em luta contra todos, até que alguma forma de hierarquização possa surgir e assim ordenar algum tipo de ordem (cf. Damatta, 1979).

Em outras palavras, a rua, enquanto espaço público que é, possibilita que os sujeitos sociais imprimam suas marcas disputando com outros a soberania do espaço físico e simbólico do lugar. Na rua os grupos sociais buscam imprimir sua identidade *tribal*, de forma que sejam representados numa posição de superioridade e nisso vimos que as *maltas* de capoeiras foram extremamente atuantes.

No próximo capítulo veremos como a capoeira, por uma série de mecanismos, deixa aos poucos sua imagem de prática de rua (de *vadiagem*, *selvageria* e *violência*) para se tornar “esporte nacional” obedecendo a critérios estabelecidos pelas próprias elites, já nas primeiras décadas do século XX, e por vários homens do povo, capoeiras, que também ensinavam tirar a prática capoeirística da marginalidade.

3. De “Prática Marginal” a “Esporte Nacional”: O Nascimento da “Arte Marcial Brasileira”

“Na sociedade republicana e pretensamente igualitária daquele começo de século, a capoeira ‘bárbara’, para existir, deveria ‘civilizar-se’, isto é, renunciar às suas origens étnicas negras e a seu aspecto combativo e tornar-se ‘mestiça’ e ‘gymnastica nacional’. A capoeira é então dotada de uma previsibilidade que dilui o medo branco pois, com a capoeira ‘regrada e metodizada’, todos, brancos e negros, conheceriam as regras do jogo e, ao praticarem o esporte, deveriam respeitá-las. Os capoeiras tornam-se capoeiristas, as navalhas saem de seus pés e vão enfeitar as paredes das academias ou, desprovidas de corte, serão exibidas em demonstrações públicas. Portanto, a capoeira ‘regrada’ permite o ‘convívio pacífico’ entre brancos e negros, ambos considerados agora genuinamente cidadãos brasileiros perante a lei”.

Letícia Vidor de Sousa Reis.

É no século XX que a capoeira passa por grandes transformações deixando de ser representada como *arte de vadiagem* para se tornar *esporte nacional*. Alguns membros da intelectualidade brasileira, no início daquele século já sugeriam a possibilidade da capoeira se tornar um esporte.

Essa nova representação social da capoeira como esporte – que vai, pouco a pouco, tornar-se hegemônica – tinha suas origens nos mesmos pressupostos teóricos do determinismo racial, pois naquele momento histórico, o discurso médico higienista, impregnado de uma visão eugênica, enfatizava a ginástica como fator de regeneração e purificação da *raça*.

A capoeira deveria, então, deixar seu aspecto de “doença moral” para se tornar “defesa pessoal”, digna de ser praticada pelos “cidadãos de bem”.

Carlos Eugênio Líbano Soares (1998), comenta uma série de artigos que foram publicados em 1926 no jornal Rio Sportivo, sob o título “*Capoeiras e capoeiragem*”. Nestes artigos defendia-se a importância do trabalho e sua oportunidade. Defendia-se a capoeira como arma de defesa pessoal, tão poderosa como o “*boxe britânico e norte-*

americano, a savate francesa e parisiense, o jui-jitsu japonês e a clássica luta romana”. Defendiam-se o resgate da capoeira como jogo atlético; superando o passado que a fizera ser criminalizada no século XIX. (cf. Soares, 1998).

Para entendermos a mudança e a conseqüente nova concepção que passa a ser adotada pelas elites brasileiras em relação à prática capoeirística, é importante levarmos em consideração o contexto sócio-político daquele momento.

Em 1932, Getúlio Vargas, o então presidente da república, libera uma série de manifestações populares e dentre estas a capoeira que podia ser praticada livremente, porém desvinculada de qualquer ato considerado “marginal”, “subversivo” ou “agitador” (cf. Areias, 1984). E em 1936, a capoeira é oficializada pelo governo como modalidade de educação física.

É importante lembrar que essas medidas adotadas no governo de Getúlio Vargas foram motivadas pela preocupação levantada naquele momento, por diversos intelectuais a respeito da *identidade nacional brasileira*. As questões que se colocavam naquele momento eram guiadas pela indagação principal: “*o que é ser brasileiro?*”, “*o que é a cultura brasileira?*”.

Nesse contexto, reinterpretando várias manifestações culturais produzidas no país, o Estado se apropria das práticas populares consideradas *genuinamente brasileiras* para apresentá-las como expressões da *cultura nacional*.

Assim, a capoeira sai das ruas para fazer parte da *cultura nacional* enquanto prática desportiva.

Na Bahia, por exemplo, um mestre de capoeira, que viria a se tornar um dos mais famosos, senão o mais famoso mestre de capoeira do Brasil – *Mestre Bimba* – cria sua escola de capoeira como “*centro de cultura física e de defesa pessoal*”. Tal escola era freqüentada por elementos de uma camada social mais abastada, dentre estes, estudantes, políticos, intelectuais, profissionais liberais e até militares, que começam a praticar a capoeira e, conseqüentemente, a interferir na sua filosofia, buscando dissociá-la do “*seu negro passado*”, até então ligado à *malandragem* e à marginalidade.

Com isso, era cada vez mais freqüente o discurso da capoeira como um esporte *genuinamente brasileiro* e que nada mais tinha de ver com as práticas afro-religiosas – como o candomblé – nem com nenhuma outra manifestação ligada a elementos culturais afro-brasileiros.

Na visão de Letícia Vidor de Sousa Reis (1997), o que houve naquele momento foi uma tentativa de se converter a capoeira de símbolo étnico em símbolo nacional. Conversão esta que passava pela esportização, onde deveria ser praticada em academias e em exposições públicas. Criou-se, então, a capoeira “civilizada” em oposição à antiga capoeira “bárbara” que se destacava nas ocorrências policiais no século XIX.

A oposição “barbárie” (negro) / “civilização” (branco) serviu para opor a capoeira-luta – *arte de vadiar* – do século XIX à capoeira-esporte – *arte marcial brasileira* – do século XX.

É importante notar que, se houve um “jeito branco e erudito” de converter a capoeira em esporte, houve, por outro lado, um “jeito negro e popular” de fazê-lo, caracterizado na Bahia dos anos 30 do século XX, principalmente através da atuação de dois mestres baianos: Mestre Bimba com a criação da *Capoeira Regional Baiana* e Mestre Pastinha com sua *Capoeira Angola*.

Bimba concebendo a capoeira como uma prática “mestiça” incluindo golpes e movimentos de outras lutas marciais e Pastinha defendendo a “pureza africana” da capoeira. Ficando ambos em comum acordo no que se refere à capoeira como prática soberanamente baiana. Para ambos a “verdadeira capoeira” estava na Bahia.

A antropóloga, citada inúmeras vezes neste trabalho, Letícia Vidor de Sousa Reis (1997), faz uma interessante análise sobre isso. Sigamos suas palavras:

“... se a intelectualidade branca de princípios do século XX tinha um projeto nacional para a capoeira, os mestres de capoeira baianos da década de 30 formularam um projeto regional e étnico. Os contornos de ambos os projetos ficam evidenciados quando se atenta para a própria designação que dão à capoeira-esporte. Enquanto os intelectuais da época falam na capoeira como ‘gymnastica nacional’, para os mestres baianos mencionados, as duas modalidades esportivas chamam-se Capoeira Regional e Capoeira Angola. Para viabilizar seu projeto regional e étnico, os negros baianos lançaram mão de duas estratégias diferentes. Mestre Bimba (Manuel dos Reis Machado, 1899-1974), criador da Capoeira Regional Baiana, que não

via nenhum inconveniente em ‘mestiçar’ essa luta, incorporando à mesma movimentos de lutas ocidentais e orientais (...). Por outro lado, Pastinha (Vicente Ferreira Pastinha, 1889-1981) contemporâneo de Bimba e igualmente empenhado na legitimação dessa prática reagindo àquela ‘mestiçagem’ da capoeira, afirmava a ‘pureza africana’ da luta, difundindo o estilo da capoeira Angola e procurando distingui-lo da Regional”.

(Sousa Reis, 1997:98).

Assiste-se, portanto, naquele momento, a um processo progressivo de ‘baianização’ da capoeira que se alastrou por todo o país. Nesse processo, a memória da capoeira carioca foi praticamente banida da história da capoeira brasileira, sendo que a capoeira baiana passou a ser considerada como a “mais tradicional”.

Há, portanto, uma “invenção da tradição” da capoeira baiana que automaticamente nega a capoeira carioca como tradição. O governo, no momento de esportizar a capoeira, elegeu a baiana como sendo a “mais pura”; a escola de capoeira de Mestre Bimba, na Bahia, foi a primeira no país a ser legalizada havendo um incentivo às exposições públicas de capoeiristas baianos. Essa escolha oficial de prioridade à capoeira baiana criou a “impureza” da capoeira de outras regiões do país, dentre as quais a carioca (cf. Sousa Reis, 1997).

Importante pensar sobre os fatores que contribuíram para a imagem de marginalização da capoeira carioca, considerada “não autêntica”, no processo de valorização da prática capoeirística como esporte nacional.

Documentos historiográficos mostram a capoeira praticada no Rio de Janeiro, do século XIX, como sendo uma prática eminentemente “de rua”; uma prática mantida por negros que tinham contato com o mundo da “rua”, onde estabeleciam relações com o grande fluxo de pessoas que transitavam diariamente pela cidade. Embora situação semelhante ocorresse na cidade de Salvador (BA), um outro grande centro urbano no século XIX, é de se supor que a capoeira praticada nas ruas da cidade do Rio de Janeiro tenha sido mais evidenciada pelas autoridades já que se tratava da “Corte” do Brasil desde 1808 até 1889 e, com a proclamação da República em novembro de 1889, capital do país. Se pensarmos na noção de “rua” como um espaço que representa tudo o que diz respeito ao

mundo urbano no seu aspecto público, não-controlado (cf. Damatta, 1979), isto é, o “mundo da desordem”, podemos entender que a capoeira que foi evidenciada nas ruas da Corte não poderia ser eleita como “esporte nacional”, num momento em que havia um esforço para conceber a capoeira como esporte regrado, racional, digno de ser praticado pelas pessoas “de bem”, em escolas apropriadas, sob uma ótica marcadamente militarista, disciplinadora e eugenizadora.

A capoeira “legítima”, socialmente falando, na Era Vargas, não podia ser aquela do “negro desordeiro”, antigo componente das *malts* cariocas, reatualizado na figura do malandro carioca que foge ao trabalho disciplinado, mas a capoeira do negro baiano que, para obter a descriminalização da luta, acaba por desqualificar esse mesmo “malandro” (tanto do Rio de Janeiro quanto de Salvador). Neste período, qualidades como “preguiça” e “indolência” são substituídas por uma ideologia do trabalho (cf. Ortiz, 1985). Na academia de Mestre Bimba, por exemplo, só eram admitidos indivíduos que comprovassem estar trabalhando ou estudando, além disso, este Mestre submetia todos os candidatos interessados a uma vaga em sua academia, a realizarem testes de resistência física.

Manuel dos Reis Machado – Mestre Bimba –, o idealizador da *Capoeira Regional Baiana*, foi um aprendiz de capoeira, um moleque das ruas de Salvador, que vivia de “biscates”, profundamente relacionado com a cultura do cais do Porto. Este universo fez parte das suas alternativas de sobrevivência e era um local onde grande parte dos capoeiras também exercia seus ofícios. Mas, foi a partir da ruptura com esses grupos, que Bimba assumiu uma nova tradição do que deveria ser a capoeira. Entendeu o contexto de repressão à capoeira e se colocou em defesa da mesma enquanto símbolo cultural. Ele apreendeu os discursos da repressão, os assumiu e reconheceu existir, ou ter existido, um grupo “marginal”, possível de ser enquadrado em um campo de negação ao trabalho – o “malandro” – mas, rompendo com esse grupo, “inventa” a *Capoeira Regional Baiana* voltada para estudantes e trabalhadores. Assim, Mestre Bimba produzia um discurso de defesa da capoeira apresentando seu lado eficaz.

Empenhando-se em demonstrar que na capoeira há trabalhadores, Bimba rompe com a tradição passada – a capoeira de “malandros e vadios” –, criticando as ações desses grupos, e buscando desenvolver a capoeira em grupos de melhor *status* na hierarquia social (cf. Pires, 2001).

Vicente Ferreira Pastinha – Mestre Pastinha –, idealizador da *Capoeira Angola*, assim como Manoel dos Reis Machado, situava-se nas mesmas condições sociais dos

capoeiristas daquele início de século XX. Logo cedo conseguiu vaga para trabalhar na Marinha integrando-se ao cotidiano dos trabalhadores da cidade de Salvador.

O historiador Antônio Liberac Simões Pires (2001) informa-nos que Mestre Pastinha passou pelas experiências típicas de “meninos nas ruas”, e numa dessas experiências entrou em contato com a prática de capoeira:

“Todos os dias Pastinha passava por uma rua, perto de sua casa, em que um menino, de nome Honorato lhe batia, para bom gosto de todos que presenciavam a cena. Até mesmo a família do menino gostava de ver seu ente querido bater em Pastinha. Certo dia, um velho africano, vendo a cena, de sua janela, o chamou para aprender a se defender. Era Benedito, seu futuro mestre, quem lhe chamava para as primeiras lições. Ao final, Pastinha acabou batendo no outro menino e se consagrando em sua liberdade de ir e vir naquela rua.”

(Pires, 2001:297).

Dominando a “arte da capoeira”, Mestre Pastinha passou, com o decorrer dos anos, a defendê-la como esporte, idealizando, assim, a *Capoeira Angola*. Esse estilo foi construído em oposição às outras lutas e ao estilo de *Capoeira Regional* idealizado por Mestre Bimba.

Os *angoleiros* tiveram que colocá-la como prática única e genuína. Assim, Mestre Pastinha atacou a *Capoeira Regional*, apontando-a como misturada a outras lutas que estavam em evidência na época. Mestre Pastinha “inventa” a *Capoeira Angola* dentro de uma nova idéia: a que une a concepção esportiva à ludicidade. A capoeira é apresentada então, como ímpar, fruto da experiência africana no Brasil e que teria sido desenvolvida em Angola, mas trazendo as contribuições de congolezes, moçambicanos e indígenas.

Assim, na concepção de Mestre Pastinha, a capoeira teria sua origem em Angola, mas teria se transformado no Brasil. Ela teria deixado de ser “luta de ataque” para ganhar os movimentos de defesa e um aspecto lúdico neste país.

Assim, se parte da intelectualidade branca nas primeiras décadas do século XX (entre 1910 e 1930) no Brasil, tinha um projeto nacional para a capoeira buscando esportizá-la, os mestres de capoeira baianos da década de 30 formularam um projeto regional e étnico. Os contornos de ambos os projetos ficam evidenciados quando se atenta

para a própria designação que dão à capoeira-esporte. Enquanto os intelectuais da época falam na capoeira como “gymnastica nacional”, para os mestres baianos mencionados, as duas modalidades esportivas chamam-se *Capoeira Regional* e *Capoeira Angola* (cf. Sousa Reis, 1997).

O folclorista Câmara Cascudo (1967), ao observar a capoeira na década de 1960, momento em que esta prática já se afirmara como “esporte nacional”, concluía que:

“As demonstrações públicas do jogo da capoeira entre Mestres são espetáculos de destreza surpreendente, impressionante agilidade nos inopinados ataques e defesas, decorrendo na *obediência de regras intransponíveis*. E certos golpes possuem nomes que se fizeram célebres, aú, rasteira, corta-capim, tesoura, meia-lua, rabo-de-arraia, chibata armada, balão, bananeira” (...). A capoeira continua um popular *exercício de agilidade* na Bahia e Rio de Janeiro, *prática e realmente despojada do caráter agressivo de outrora*. Sempre executada ao som dos berimbaus a demonstração tem um *aspecto ginástico sugestivo pela precisão dos golpes*, dando a imagem real de uma *dança poderosa de força disciplinada* e de elegância natural”.

(Câmara Cascudo, 1967:182-188, grifos nossos).

Percebemos na descrição do folclorista, a nova concepção que se passou a ter da capoeira: um “*exercício de agilidade*”, cuja dinâmica nos movimentos obedece a “*regras intransponíveis*”, “*sendo uma prática realmente despojada do caráter agressivo de outrora*”, podendo ser considerada como uma “*dança poderosa de força disciplinada*”.

Com a valorização da capoeira enquanto “esporte nacional”, várias referências são feitas a ela, principalmente na música brasileira. A Bossa Nova foi bastante influente, onde os letristas e compositores usaram e abusaram do tema. Quando não, enxertaram letras e músicas inteiras de capoeira, pura e simplesmente, retocando a composição anônima para lhe dar sua autoria (cf. Rego, 1968).

Abaixo seguem alguns exemplos:

I – *Menino quem foi seu mestre/ meu mestre foi Salomão/
me ensinou a capoeira com a palmatória na mão/ Quero
mostrar que o meu samba com um pouquinho de capoeira
é bom/ E nem precisa se mudar de tom/ o Samba com o
boogie woogie^[12] abafa/ E a canção com o meu samba
muito melhorou/ Agora a capoeira e o samba vão se
ajuntar/ E a coisa vai ser mesmo de abafar.*

II – *A moçada vai gostar/ Quando ver o meu samba na
prova/ E ouvir o berimbau no balanço da Bossa Nova/
Vem, vem, vem/ Vamos dançar Bossa capoeira/ Que é de
abafar/ Não tem rabo de arraia/ Nem pernada, ó meu
irmão/ Tem morena nos meus braços/ Dançando é
sensação.*

III – *Upa! Neguinho na estrada/ Upa! Pra lá e pra cá/
Vige qui coisa mais linda/ Upa! Neguinho começando a
andá, começando a andá, começando a andá/ E já
começa apanhá/ Cresce neguinho e me abraça/ Cresce e
me ensina a cantá/ Eu prendi tanta desgraça, mas muito
eu lhe posso ensiná/ Mas muito eu lhe posso ensiná/
Capoeira, posso ensiná/ Ziquizira posso tirá/ Valentia
posso emprestá/ Mas liberdade só posso esperá.*

A dupla de compositores Baden-Powell e Vinícius de Moraes foi o ponto decisivo na história da Música Popular Brasileira, na adoção do toque e canto da capoeira, onde a composição “Berimbau” por Baden Powell (nos anos de 1960) cantada por intérpretes famosos foi o estímulo a novas composições dentro do tema (cf. Rego, 1968).

*“Quem é homem de bem não trai/ O amor que lhe quer
seu bem/ Quem diz muito que vem, não vai/ E assim como
não vai não vem/ Quem de dentro de si não sai/ Vai
morrer sem amar ninguém/ O dinheiro de quem não dá é
o trabalho de quem não tem/ Capoeira que é bom não cai/*

*Se um dia ele cai, cai bem/ capoeira me mandou dizer que
já chegou/ Chegou para lutar/ Berimbau me confirmou/
Vai ter briga de amor/ Tristeza camarada”.*

(“Berimbau” – Música de Baden Powell e letra de Vinícius de Moraes)

Seguindo os rumos para sua institucionalização, enquanto prática disciplinadora e metodizada, fazendo jus ao seu *status* de “arte marcial brasileira”, a capoeira, em 1961, é introduzida no currículo de ensino da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro e em 1972, foi homologada pelo Ministério da Educação e Cultura como modalidade desportiva.

Posteriormente a isso, a Confederação Brasileira de Pugilismo, pelo seu Departamento Especial de Capoeira, baixou o regulamento técnico que norteia a prática da *capoeira-esporte* em todos os eventos e graduações oficiais no Brasil tendo por órgãos responsáveis, em nível estadual, as respectivas Federações.

* * *

Nesta primeira parte da pesquisa, a preocupação foi em demonstrar, através de uma discussão ancorada nos estudos existentes sobre o assunto, a trajetória da capoeira. Vimos que originada no período escravocrata, a capoeira sofreu feroz perseguição dos poderosos. Num contexto urbano, sendo praticada principalmente pelos estratos sociais menos favorecidos, a capoeira foi marginalizada, inclusive, sendo considerada crime a partir de 1890. No entanto, já nas primeiras décadas do século XX, assistimos a mudanças que tornaram a capoeira esporte nacional: um projeto idealizado pelo Estado Vargas e que contou com o apoio da intelectualidade daquele período. Para tanto, a capoeira precisou deixar seu “negro passado”, no sentido duplo que o termo evoca, isto é, precisou se desvincular de seu passado “marginal” e “subversivo” e, ao mesmo tempo, das pretensas conotações afro-religiosas que lhe aparentavam. Saindo das ruas, e dos terreiros de candomblés, onde era muito praticada nos tempos de perseguição, a capoeira ganhou as academias passando a ser vista e aceita como prática disciplinadora do corpo, esporte eficaz digno de ser praticado pelos cidadãos “de bem”, fossem esses *ricos empresários*, *respeitáveis militares* ou *honestos trabalhadores*.

Na segunda parte deste trabalho, buscaremos demonstrar como a capoeira – antes tida como uma *arte de vadiar* –, ao tornar-se *arte de disciplinar* ganha espaço na sociedade

contemporânea em projetos comunitários e de assistência a crianças e jovens como uma eficaz condutora destes aos princípios de cidadania. Em outras palavras, analisaremos a seguir, como a capoeira, vista atualmente como prática disciplinadora, atua na formação de crianças e jovens freqüentadores de projetos sócio-educacionais.

Parte 2

A Arte de Disciplinar

Como dissemos logo na introdução, a capoeira é atualmente trabalhada em projetos sócio-educacionais devido à própria concepção que os mestres de capoeira têm em relação a essa prática, entendendo-a como filosofia de vida. Filosofia esta pautada em princípios morais valorizados em convívio social como obediência, respeito mútuo, autocontrole, disciplina, destreza, agilidade, companheirismo, camaradagem, pontualidade etc.

É fato que estes princípios foram reforçados na prática capoeirística devido às transformações a que foi submetida, especialmente a partir dos anos trinta do século XX, tendo na Escola de Mestre Bimba, e também na de Mestre Pastinha, um exemplo a ser seguido. A partir de então vimos como a capoeira idealizada por esses mestres baianos em sintonia com um projeto idealizado pelo Estado e seus intelectuais em transformar a capoeira em “Arte Marcial Brasileira”, foi cada vez mais ganhando *status* de prática disciplinadora, ágil e eficaz sendo atualmente experimentada em diversos contextos sociais como terapia, modalidade de Educação física em escolas e academias.

A partir de agora, começaremos a analisar como a capoeira opera enquanto formadora de crianças e jovens, freqüentadores de projetos sócio-educacionais, em futuros cidadãos. Em outras palavras, buscaremos demonstrar como a capoeira é recuperada enquanto prática pedagógica em projetos sócio-educacionais. Veremos como os princípios morais valorizados na prática capoeirística contemporânea atingem as crianças e jovens dos projetos observados e quais são suas efetivas contribuições na formação destes freqüentadores.

No capítulo que se segue, tratamos do primeiro projeto sócio-educacional observado, o Projeto de Formação I da Fundação Orsa, também chamado por seus freqüentadores de “casinha”.

4. Conhecendo a “Casinha” e seus freqüentadores

O Projeto de Formação I da Fundação Orsa, a “casinha”, comporta cerca de 100 crianças e jovens, distribuídos num total de 8 grupos (divididos entre o período da manhã e período da tarde). Tais grupos estão divididos conforme a faixa etária dos freqüentadores. Sendo assim, crianças (ou jovens) da mesma idade desempenham atividades no mesmo grupo.

Durante a pesquisa, visitei regularmente a “casinha”, observando as atividades propostas pelo mestre de capoeira dessa instituição (Mestre Salvador) às crianças e jovens freqüentadores^[13]. As atividades de capoeira realizam-se neste Projeto, duas vezes por semana (4^{as} e 6^{as} feiras) em período integral.

Em geral, as crianças com menos idade freqüentam a “casinha” no período da tarde e os freqüentadores com mais idade desempenham suas atividades no período da manhã^[14].

Tanto no período da manhã como no período da tarde, os freqüentadores da “casinha” com menos idade pertencem aos grupos 1 e 2, os com mais idade pertencem aos grupos 3 e 4.

Veja o quadro demonstrativo abaixo:

MANHÃ		TARDE	
Grupos	Faixa Etária	Grupos	Faixa Etária
Grupo 1	11-12	Grupo 1	7-8
Grupo 2	11-12	Grupo 2	8-9
Grupo 3	13-14	Grupo 3	9-11
Grupo 4	14-15	Grupo 4	10-12

* Embora, em princípio, o Projeto de Formação I ampare crianças e jovens entre 7 e 17 anos, o intervalo de idade dos freqüentadores atualmente varia entre 7 e 15 anos.

Essas crianças e jovens via de regra, são admitidas no Projeto de Formação I, por iniciativa da família. Débora, 12 anos, contando seu início na “casinha” diz:

“Eu vim aqui pra casinha porque minha mãe ia trabalhar e eu não tinha com quem ficar. Eu tô aqui já faz cinco anos. (...) Eu moro com a minha mãe e meus irmãos, eu sou a mais velha. Depois de mim tem um irmão de nove, outro de sete e outro de cinco anos”.

Apesar dos frequentadores contarem com outras instâncias para sua formação educacional como a escola e a família, eles têm no Projeto de Formação I, uma formação complementar. Leandra, 13 anos, diz:

“Eu gosto aqui da casinha, claro! Eu to aprendeno mais coisa, muito mais. Porque na escola não adianta porque a professora passa a matéria e a gente tem que fazer mesmo se não sabe fazer. Aqui na casinha não, eles explica como tem que fazer, por que é que tem que fazer... eu gosto”.

A “casinha” é vista por seus frequentadores como um importante espaço de socialização. Wandelisa, 11 anos e há 4 anos no Projeto de Formação I, em sua fala, nos dá uma noção de como são os primeiros dias para quem chega na “casinha”:

“Dá uma vergonha quando a gente acaba de chegar na ‘casinha’, é uma timidez, minha Nossa!! Mas, no 2º. ou 3º. dia a gente já fica se enturmado com os outros e aí fica bom”.

O Projeto de Formação I da Fundação Orsa mantém atividades de dança, música, artes plásticas, capoeira e oficinas pedagógicas. Todas essas atividades são distribuídas entre os dias da semana. Sendo assim, ocorrem, por exemplo, ao mesmo tempo atividades de dança, capoeira, artes plásticas e oficinas pedagógicas, num único dia. A coordenação do Projeto distribui os grupos para determinadas atividades. Cada grupo realiza 1 hora de cada atividade de modo que todos os grupos desempenhem uma atividade a cada hora e todas as atividades no dia. Por exemplo, o grupo que foi escalado para praticar capoeira das 8:15 às 9:15 hs da manhã, terminará essa atividade e irá praticar uma outra, estabelecendo um revezamento das atividades com os outros grupos.

A “casinha” dispõe de um espaço físico bastante amplo, o que permite as atividades serem realizadas em lugares isolados, dentro do próprio terreno, de modo que o grupo que está em atividade de capoeira não estabelece nenhum contato (físico ou de observação) com outros grupos, em outras atividades. O prédio se compõe de um salão bastante

espaçoso (onde ocorrem as atividades de capoeira), um refeitório, uma pequena sala denominada “brinquedoteca”, uma sala de computadores, uma sala de vídeo (onde funcionam também as oficinas pedagógicas), uma sala de pintura, além de um mini-campo de futebol.

O horário das atividades se estende no período da manhã das 8:15 às 11:15 hs e no período da tarde das 13:15 às 16:15 horas. Para as crianças e jovens que freqüentam a “casinha” no período da manhã, é servido café da manhã assim que chegam no local e almoço ao saírem. Para os freqüentadores do período da tarde é servido o almoço quando chegam e o café da tarde ao saírem.

Ao chegar na “casinha” pela primeira vez, fui apresentado pelo mestre de capoeira às crianças. Para facilitar a socialização com os freqüentadores, participei nos primeiros encontros, das sessões de alongamento que antecedem as “rodas” de capoeira. Embora tenha ficado claro para todos na “casinha” (aos coordenadores, ao mestre de capoeira e às crianças e jovens freqüentadores) meu papel entre eles, o de pesquisador, procurei não me tornar totalmente distante das atividades práticas propostas por Mestre Salvador.

Apesar de não ser um praticante da capoeira, procurei participar ao menos das sessões de alongamento a fim de procurar estabelecer laços de confiança e amizade com as crianças e jovens envolvidos com a prática capoeirística no Projeto.

Embora, no início da pesquisa, muitos freqüentadores estranhassem minha presença entre eles, com o passar do tempo, alguns (em especial, as crianças menores) me tiveram como ponto de referência durante as atividades propostas de capoeira. Muitos faziam questão de exibirem movimentos de capoeira para eu ver. Geralmente os faziam em forma de competição com um colega dizendo: “_ *Quem fez melhor? Eu ou ele?*”.

Durante minhas primeiras visitas na “casinha”, as crianças faziam inúmeras perguntas como: “_ *O que você veio fazer aqui?*”; “_ *De onde você vem?*” ; “_ *Por que você fica aí vendo a gente fazer capoeira?*” ; “_ *O que você é do mestre?*”. Essas perguntas, certamente, refletem a estranheza, e ao mesmo tempo, interesse dessas crianças e jovens pela minha presença entre eles.

Essa situação de questionamento, por parte dos freqüentadores da “casinha” foi diminuindo à medida que fui respondendo ao que me perguntavam, fazendo na mesma ocasião, perguntas informais como: “_ *... e você, mora aqui por perto?*” ; “_ *Estuda aqui no bairro mesmo?*”; “_ *Faz tempo que você está aqui na casinha?*”.

Este momento foi muito importante, a meu ver, pois fez com que houvesse uma maior aproximação minha com os freqüentadores da “casinha”.

Nesta relação de aproximação com essas crianças e jovens foi fundamental a atuação do Mestre Salvador. Durante as minhas primeiras visitas na “casinha”, quando estávamos fora das atividades de capoeira, o mestre fazia questão de perguntar a um ou outro freqüentador: “_ *Você sabe quem é ele?*”; “_ *Você já conhece o Wilson?*”. Isso contribuiu para que muitos freqüentadores aceitassem, num momento posterior, colaborar com as entrevistas que realizei.

Uma das dificuldades encontradas no início dessa pesquisa foi o momento de registro dos fatos ocorridos durante as atividades de capoeira entre as crianças na “casinha”. Muitas delas ao me verem fazer anotações saíam da “roda” de capoeira e vinham me questionar sobre o que eu estava anotando naquele momento. O interessante foi que praticamente todas elas tinham a mesma preocupação em relação às minhas anotações: acreditavam que naquele momento, eu estava escrevendo algo sobre uma delas em específico. Por isso, muitas vinham em minha direção com perguntas ameaçadoras do tipo: “_ *O que você está escrevendo de mim?*”; “_ *Eu nem tô fazendo bagunça!*”; “_ *Se você escreveu meu nome, pode apagar!*”.

É fato que atitudes desse tipo refletem a realidade vivida por essas crianças, especialmente na escola, onde lhes é passada a idéia de que são vigiadas constantemente e podem ser punidas a qualquer momento.

Para diminuir a desconfiança das crianças em relação à minha função na “casinha” eu explicava as minhas reais intenções: dizia a elas que estava anotando o que via porque era importante para a minha pesquisa sobre a capoeira. Dizia que precisava conhecê-los melhor e por isso anotava seus nomes. E, de fato, uma das minhas preocupações no início das observações era poder memorizar o nome de boa parte dos freqüentadores. Até porque, várias crianças durante minha segunda ou terceira visita entre elas, me perguntavam: “_ *Você lembra de mim? Então como é que eu (me) chamo?*”.

Com o passar de algumas semanas essas dificuldades iniciais foram superadas. Ao final desta pesquisa conhecia grande parte dos freqüentadores da “casinha” pelo nome. Isso se deveu, em grande parte, à convivência que passei a ter com eles semanalmente, mesmo longe da presença do mestre de capoeira, onde participava das suas conversas informais, das brincadeiras que faziam entre si, etc.

A preocupação que tinha no início em anotar todos os comportamentos realizados pelas crianças e jovens foi cedendo lugar, na medida em que passei a conhecê-los melhor, à observação e posterior registro no meu caderno de anotações. Assim, passei a observar atentamente os acontecimentos, registrando-os no momento ocorrido através de frases centrais com o nome dos envolvidos, para logo em seguida (fora das atividades de capoeira) fazer uma descrição mais detalhada sobre os fatos. Este procedimento se mostrou bastante eficiente na medida em que, escrevendo menos na presença das crianças, foi possível fazer com que não ficassem tão preocupadas com o que estava sendo anotado por mim durante a “roda” de capoeira^[15].

Como afirmei anteriormente, o Projeto de Formação I da Fundação Orsa ampara cerca de 100 crianças e jovens na faixa etária entre 7-15 anos. Definir, entretanto, quais desses frequentadores são considerados crianças e quais podem se enquadrar na categoria da juventude, não é um empreendimento fácil, pois a idade não é um dado da natureza, não é um princípio naturalmente constitutivo de grupos sociais, nem um fator explicativo dos comportamentos humanos (cf. Debert, 1998). Sendo assim, não se pode limitar rigidamente, através de suas *idades cronológicas*, quais frequentadores da “casinha” são crianças e quais estão na fase da juventude.

É possível perceber nos frequentadores, comportamentos e atitudes que não dependem, necessariamente, de suas idades cronológicas. Não quero dizer com isso que, não exista uma diferenciação no Projeto de Formação I entre as noções de infância e juventude. O próprio fato de haver uma divisão entre eles em grupos de idade, já é uma forma de definir quem deve se comportar como criança e quem deve demonstrar comportamentos típicos da juventude.

Aos grupos 3 e 4 (do período da manhã), cujos componentes possuem mais idade, o discurso dos monitores se baseia em frases do tipo “_Olha só o seu tamanho!” (quando um desses frequentadores assume um comportamento que não corresponde ao esperado), ou então “_ Você não está mais na idade de fazer essas coisas!”, etc. Enquanto aos grupos 1, 2, 3 e 4 (do período da tarde) e grupos 1 e 2 (do período da manhã), são ditas frases do tipo “_ Por que vocês não podem ficar comportados como o grupo 4 da manhã?” ; “_ Se você não ficar quieto eu vou levar você pra conversar lá com a coordenação” ; “A próxima gracinha que você fizer , eu vou telefonar lá no serviço da sua mãe!”.

O que se percebe é um discurso diferenciado, por parte dos monitores, de acordo com os grupos com os quais estão trabalhando. Sendo assim, para os freqüentadores da “casinha” com menos idade (cuja faixa etária varia entre 7-12 anos), o discurso é feito muitas vezes em tom de ameaça, como se estes freqüentadores não fossem totalmente responsáveis por seus atos. O discurso dos monitores se transforma, no entanto, quando se trata dos freqüentadores com mais idade (cuja faixa etária varia entre 13-15 anos). É como se estes fossem, em princípio, capazes de resolver seus próprios problemas ocorridos na “casinha”, sem a necessidade da presença dos pais ou responsável.

Essa análise sobre as categorias de idade dos freqüentadores da “casinha”, nos leva a pensar sobre os períodos etários da vida, enquanto construção social.

Através de estudos historiográficos, Philippe Ariés (1981) nos mostra como o conceito de infância foi construído na sociedade ocidental, ao longo da história. Entendendo a infância como uma construção social (e não como um conceito puramente abstrato) esse autor afirma que até por volta do século XII, a arte medieval desconhecia a infância ou não tentava representá-la. Na sociedade medieval, o sentimento da infância não existia – o que não quer dizer que as crianças fossem negligenciadas, abandonadas ou desprezadas. O sentimento da infância não significa o mesmo que afeição pelas crianças: corresponde à consciência da particularidade infantil, essa particularidade que distingue essencialmente a criança do adulto. Essa consciência não existia. Por essa razão, assim que a criança tinha condições de viver sem os cuidados constantes de sua mãe ou de sua ama, ela ingressava na sociedade dos adultos e não se distinguia mais destes (cf. Ariés, 1981).

Ainda segundo esse autor, é no século XVII, que a infância ganha importância pública, pois se trata do surgimento do sentimento moderno de infância. Tudo o que se referia às crianças e à família tornara-se, a partir daquele momento, um assunto sério e digno de atenção. Não apenas o futuro da criança, mas também sua simples presença e existência eram dignas de preocupação – a criança havia assumido um lugar central também dentro da família (cf. Ariés, 1981).

Bernard Charlot (1979), assim como Ariés (1981), entendendo a infância enquanto categoria social propõe que, ao estudá-la é preciso entendê-la em termos de *relações sociais* entre adultos e crianças (cf. Charlot, 1979).

Assim, podemos entender que tratar da criança em abstrato, sem levar em consideração as condições de vida dos sujeitos em questão, é dissimular a significação social da infância (cf. Kramer, 1997).

Walter Benjamin se insere no grupo de autores que definem a infância como construção social. Analisando a relação da criança e do brinquedo ele percebe que há um grande equívoco na suposição de que as próprias crianças movidas pelas suas necessidades determinam todos os brinquedos, pois elas não constituem nenhuma comunidade isolada, e sim uma parte do povo e da classe de que provém. Da mesma forma seus brinquedos não dão testemunho de uma vida autônoma e especial; são, isso sim, um mudo diálogo simbólico entre as crianças e os adultos da sociedade à qual pertence (cf. Benjamin, 1984). Isto significa que a participação da criança, e podemos dizer, também do jovem, no processo de socialização no interior da família e da comunidade, nas atividades cotidianas (das brincadeiras às tarefas assumidas) se diferenciam segundo sua posição e de sua família na estrutura sócio-econômica. Por isso, é impróprio ou inadequado supor a existência de *uma* população infantil (ou juvenil) homogênea; devemos, isto sim, perceber as diferentes populações infantis (ou juvenis) com processos desiguais de socialização (cf. Kramer, 1987).

Todas essas observações que fazemos acerca do conceito de infância, são válidas também para o conceito de juventude, pois para se falar na categoria de “jovens” é preciso, primeiramente, saber de que tipo de jovem se está tratando. É evidente que o jovem de classe média, dos grandes centros urbanos, é bastante diferente do jovem das periferias urbanas e de classes sociais menos favorecidas. Nesse sentido, para qualquer abordagem sobre as classes de idade é preciso nos perguntar acerca do grupo sócio-econômico-cultural a que nos dirigimos (cf. Yunes, 1987).

Essas primeiras reflexões teóricas sobre a noção de infância e juventude são importantes para este estudo, pois estamos falando de sujeitos sociais que fazem parte de uma realidade social concreta e específica.

Ao perguntar ao coordenador geral do Projeto de Formação I da Fundação Orsa sobre o perfil sócio-cultural dessas crianças e jovens, fui informado de que se tratavam de “*menores carentes em situação de risco pessoal e social.*”^[16] Ao perguntar a ele o que significava a colocação “*em situação de risco pessoal e social*”, explicou que se tratavam de menores em situação de risco pessoal porque muitos deles antes de freqüentarem a “casinha”, ficavam sozinhos em seus domicílios a maior parte do dia, porque os pais trabalham fora. E em situação de risco social, porque ao ficarem a maior parte do tempo

sozinhos em casa, a probabilidade de se envolverem com “más companhias” e com “drogas” torna-se bastante grande.^[17]

Via de regra, as crianças e jovens freqüentadores da “casinha” pertencem a famílias cuja atividade profissional dos pais consiste em prestação de serviços braçais (tais como serviços de construção civil e serviços domésticos) e atividades do setor informal (como camelôs e vendas a domicílio). Alguns deles são órfãos, ou de pai ou de mãe, vivendo com parentes (avós, tios, tias ou outros).

Entretanto, estes dados nos revelam pouco. Os indicativos das atividades que os pais realizam, por exemplo, não nos falam da real situação destas famílias. Sigamos a transcrição de uma parte de entrevista que realizei com duas crianças freqüentadoras da Fundação:

Entrevistados^[18]: **O** (9 anos)

G (8 anos)

Ambos do Grupo 2 do período da tarde.

Wilson _ Vocês são parentes?

O _ *É, nos somos quase primo.*

Wilson _ Quase primos?

O _ *É*

Wilson _ Ah! Então sua mãe conhece a mãe dele e a mãe dele conhece a sua mãe?

O _ *É.*

Wilson _ E você, **O**, vai à casa do **G**?

O _ *Vou. Eu vou de vez em quando, porque agora eu parei, não tô indo mais não.*

Wilson _ E você **G**, vai na casa dele?

G _ *Eu vou!*

O _ *Ele mudou, porque o pai dele morreu! Porque o pai dele tava deveno pros bandido e ... (nesse momento **O** é interrompido por **G**)*

G _ *Droga!*

O _ *É droga! E o bandido agora tá correndo atrás da mãe dele (do **G**) pra pagar. E a mãe dele não tem dinheiro. A mãe dele falou que tá deveno até aluguel.*

Wilson _ E aí? Onde vocês estão agora?

G _ *Lá mesmo ... (nesse momento **G** é interrompido por **O**)*

O _ *Na casa da sua tia não é?*

Wilson _ Mas, por que sua mãe não sai de lá?

O _ *Porque (a mãe do G) não tem casa pra morar!*

Sigamos a fala de outro frequentador da Fundação:

D (11 anos)

D _ *Quando a gente chega tarde em casa, a gente têm que pegar o último ônibus de dez para as dez da noite. Se eu não pegar esse ônibus eu tenho que pegar outro ônibus e parar lá na pista, mais perigoso, e descer lá em baixo pra onde eu moro.*

Wilson _ E em que trilha você falou que mataram um monte de gente?

D _ *Oh, tem o cemitério, é do outro lado, lá em cima, na outra subida, lá.*

Wilson _ Matam as pessoas lá? Mas matam quem, pessoas conhecidas suas?

D _ *Não, de outros lugar. Mataram um casal dentro do carro e botaram fogo. Um dia também, mataram um cara e jogaram dentro da ponte, o cara ficou olhando pra cima assim ... dando risada ainda, morreu dando risada!*

Wilson _ E você vai ver essas coisas e depois você não fica impressionado?

D _ *Não, porque eu já vi um monte já!*

Wilson _ Mas, quem é que faz essas coisas? Por que as pessoas morrem no seu bairro?

D _ *Porque tem bastante ladrão lá. Mas é só saber lidar com as pessoas, é só não mexer. Assim oh, se você é novo lá (...) daí você vê uma mulher linda, linda e você conversa com ela (...) é tudo mulher de ladrão, mas tem umas que não é, aí elas contam pros maridos delas, os ladrão, e aí eles vem na sua casa, invade e mata, mata mesmo!*

Por esses relatos, percebemos que os frequentadores da “casinha” vivem numa situação de exclusão social por não possuírem acesso, ou possuírem pouco acesso, às condições de existência digna. Daí o propósito do Projeto de Formação I em oferecer a essas crianças e jovens oportunidades que os façam transcender a situação de exclusão social através de uma formação que lhes possibilite, num momento futuro, se inserirem adequadamente na sociedade em condições dignas de existência.

Muitas vezes, nas relações cotidianas se incorre no equívoco de se referir a crianças ou jovens menores de 18 anos, vítimas da exclusão social, como “menores carentes”. Consensualmente este termo é empregado a internos em instituições fechadas (como a FEBEM), a crianças e jovens que vivem nas ruas, a crianças e jovens que moram com a família, mas que por viverem em condições precárias de existência são amparados por instituições como o Projeto de Formação I. Conclui-se disso que, inevitavelmente, o termo “menor” conduz a generalizações.

Como lembra a estudiosa Irma Rizzini (1993), durante o século XIX, principalmente, fazia-se uma distinção entre o “menor” e a “criança”, onde o termo “menor” era utilizado para classificar um indivíduo associado ao “abandono moral”, à criminalidade e à pobreza. Durante certo período a criança ou jovem considerado “menor” foi tratado como um “desviante” e, por este motivo, deveria ser afastado do convívio social, sendo confinado em casas de assistência asilar (cf. Rizzini, 1993). Por isso, historicamente, na noção de “menor” já está embutida a noção de “desvio moral” mesmo que a criança ou jovem assim classificado não seja um delinqüente.

Assim, para que o leitor tenha uma idéia mais precisa do perfil das crianças e jovens que freqüentam o Projeto de Formação I, podemos entender que se tratam de crianças e jovens não infratores, em situação escolar regular^[19], que vivem com uma família (não necessariamente composta por pais e irmãos...) estando numa situação de “exclusão social”.

Importante salientar que, apesar das dificuldades de ordem sócio-econômica existentes no cotidiano dessas crianças e jovens, suas famílias, na maior parte dos casos contribuem fundamentalmente em sua formação. Isso é importante ser registrado, inclusive, para abolir teorias preconceituosas que colocam os estratos desfavorecidos social e economicamente como sinônimo de grupos desorientados e sem condições de educar seus filhos, rotulados de “famílias desestruturadas”. A convivência com os freqüentadores do Projeto de Formação I e os diálogos estabelecidos com eles apontam que suas famílias se fazem presentes em sua formação.

Vejamos o que diz Inídes, 11 anos, freqüentadora do Projeto de Formação I da Fundação Orsa:

“É, eu moro com a minha mãe, meu irmão, meu padrasto e mais três tios (...). Na escola o que eu gosto mais é matemática porque é a única matéria que eu mais tiro nota alta por que meu padrasto, né, ele estudou eu acho que até a 8ª. série e ele gostava muito de matemática. Então quando começou as minhas aulas na 1ª. série ele que começou a me ensinar continha de mais, menos, de dividir, ele que me deu a força pra matemática”.

Ainda sobre a relação dessas crianças com suas famílias, temos em Camila, 10 anos, outro exemplo:

Wilson – E você conversa com a sua mãe, assim sobre a “casinha”, o que aconteceu no seu dia?

Camila – *Eu conto.*

Wilson – E quando você chega da escola sua mãe já está na sua casa?

Camila – *Ela já tá em casa. Ela trabalha em casa de família e ela chega 2, 3 horas da tarde. Aí ela pergunta como foi meu dia e aí eu falo: “Ah mãe, aconteceu isso e isso na “casinha”... Igual ontem, né? Ontem gravaram aqui a Fundação, tiraram foto e eu contei pra minha mãe que o meu irmão não queria tirar foto que ele tava com vergonha!*

As falas dos freqüentadores da “casinha” demonstram que suas famílias, e podemos dizer também que outras instâncias como a escola – à sua maneira –, contribuem na formação das crianças e jovens, e o Projeto de Formação I é apenas uma dessas instâncias da educação.

Veremos agora, especificamente, como este projeto sócio-educacional se apropria da capoeira como um dos instrumentos capazes de contribuir na formação educacional de seus freqüentadores.

5. O Mestre que ensina e o discípulo que aprende...

O trabalho desenvolvido por Mestre Salvador, o responsável pelas atividades de capoeira no Projeto de Formação I, não é de caráter essencialmente acadêmico. Isto é, sua preocupação e também da coordenação do Projeto não é graduar, necessariamente, as crianças e jovens na capoeira, e sim se servir dos princípios da capoeira como forma de contribuir na educação destes.

Logo que iniciei minhas visitas no Projeto de Formação I, notei uma forte inquietação por parte das crianças. Várias delas dizendo palavrões indiscriminadamente, ameaçando agredir fisicamente um ou outro colega do grupo. Tais relações eram marcadas por brincadeiras com tons agressivos, existindo uma linha muito tênue entre o divertimento, o brincar e atitudes de violência. Na maioria dos casos, tais brincadeiras conduziam a brigas acompanhadas de xingamentos, tapas, socos, chutes, choro e descontrole emocional, principalmente entre as crianças com menos idade.

Nos primeiros momentos de atividades de capoeira, as crianças fazem muita bagunça e Mestre Salvador investe certo tempo para formar a “roda” de capoeira. Apesar das adversidades, ele sempre elabora estratégias para executar com êxito sua tarefa.

Certa vez, ao ensinar capoeira para o grupo 2 da tarde (crianças que possuem idade entre 8-9 anos), Mestre Salvador retirou Augusto (um dos integrantes do grupo) da “roda” *“porque ele estava bagunçando demais”* com atitudes agressivas com a maioria de seus colegas. Depois de algum tempo sentado ao meu lado, vendo as outras crianças jogarem capoeira, Augusto diz em voz baixa: *“_ Quería tá na roda (de capoeira)”*. Sem autorização do mestre ele retorna à “roda”. Ao perceber que Augusto havia retornado à “roda”, Mestre Salvador o colocou para *gingar* e ao *gingar*, Augusto executou todos os movimentos ditados pelo mestre. Em certa altura do “jogo” percebia-se uma empolgação do menino ao executar seus movimentos em diálogo corporal com outro colega. Ao término dessa atividade perguntei ao mestre porque havia deixado o Augusto *gingando* tanto tempo na “roda”. Respondeu-me que *“_Quando o camarada está nervoso ele precisa descarregar sua raiva gingando na roda”*.

Para André Reis (1997), um estudioso da capoeira, a *ginga* é a representação simbólica da luta brasileira do dia-a-dia. Através dos movimentos dos dois capoeiristas (do jogo específico) há um diálogo corporal: negociar, driblar, ludibriar, recuar, atacar, dissimular. É uma arte não-verbal da comunicação humana (cf. Reis, 1997).

Em um de seus trabalhos, Lima (1990), entrevistando alguns mestres de capoeira em academias de São Paulo, ouviu um deles dizer:

“... criança rebelde que chega aqui com problemas, ela chega aqui dentro, ela é obrigada a desistir do problema, a tirar pra fora o problema, pois ela tem outro tipo de regulamento, de disciplina, sem querer ela entra no eixo”.

(Lima, 1990:31).

Esse *“tipo de regulamento”*, do qual o mestre entrevistado por Lima (1990) se refere pode ser entendido como um conjunto de elementos constitutivos da “roda” de capoeira como o som do berimbau, as cantigas cantadas pelos próprios participantes da “roda” e a própria presença do mestre de capoeira ditando as “regras do jogo”. É neste contexto, portanto, que *“o camarada que está nervoso descarrega sua raiva na roda”*. Através do jogo da capoeira, o capoeirista passa a canalizar sentimentos de rebeldia, raiva e

descontrole emocional segundo atitudes de destreza, disciplina e equilíbrio emocional que inevitavelmente são cobrados no desenrolar do jogo.

Um outro mestre entrevistado por Lima (1990) ao contar sobre sua experiência pessoal com a capoeira diz:

“Capoeira para mim serviu como uma forma assim de meu temperamento ser menos agressivo, ser mais temperado, quero dizer, sossegado. O som do berimbau, os cantos envolvem muito a gente”.

(Lima, 1990:45).

Conclui-se disso tudo que a capoeira, entendida como filosofia de vida, conduz o capoeirista a seguir determinados princípios (como acato a autoridade do mestre, respeito mútuo, esperteza, auto controle, e outros) sem os quais o jogo não se desenvolve.

Numa das entrevistas que realizei com Mestre Salvador, podemos perceber, de forma bastante evidente, as capacidades da capoeira como filosofia de vida:

Mestre Salvador _ *Ela (a capoeira) forma a pessoa e eu acredito muito na formação do homem. A capoeira é rica pra isso, porque eu vejo no capoeirista um camarada muito educado, dócil, comunicativo, sabe, expressivo, flexível, e isso é da formação!*

Wilson _ Tá, e como você acha que esses princípios atingem, assim, o capoeirista? Você acha que é com o tempo?

Mestre Salvador _ *Olha, são os desafios da vida.*

Wilson _ Por exemplo, você falou que geralmente o capoeirista é educado, é comportado, e tudo mais ... Esse aprendizado se dá na “roda”?

Mestre Salvador _ *Se dá na roda.*

Wilson _ E aí o “camarada” leva pra fora também, no dia-a-dia ... (o mestre interrompe minha fala)

Mestre Salvador _ *No dia-a-dia, você pode estar certo que vai (...) E como o capoeirista tem que desafiar o outro e respeitar o outro, tá, então, como espelho do mestre, porque o aluno é espelho do mestre, ele se auto-educa.*

Nestor Capoeira (1985), em seu livro *Galo já Cantou*, compartilha do mesmo argumento de Mestre Salvador, ao entender a capoeira como “*uma forma de preparar o homem para a vida*”. Para esse estudioso e capoeirista:

“A ‘malícia’ nada mais é que a maneira do capoeirista ver a vida e em especial o ser humano. (Pois) o

capoeirista sabe que urubu não come folha, que a maldade e a falsidade existem. Este conhecimento da vida e do homem, quando aplicado objetivamente no jogo, é a tão falada ‘malícia’ do jogador de capoeira”.

(Capoeira, 1985:90).

Ser capoeirista, então, é estar sempre com “um pé atrás”, manter-se sempre em equilíbrio, permanecendo o maior tempo possível em contato com o adversário e poder agir no momento oportuno (cf. Barão, 1999). Ter “malícia” (ou *mandinga*) na “roda” de capoeira é saber ler as intenções do outro jogador, através da percepção de sua linguagem corporal e adiantar-se a elas, mas é também saber fazer com que o outro jogador “entre na sua”, quer dizer, jogue o seu jogo e não o dele (cf. Sousa Reis, 1997).

Vemos com isso, que os princípios que determinam o jogo de capoeira podem ser (e são) transferidos para as relações cotidianas fora da “roda”. Ficar “esperto na ‘roda’ de capoeira” é ficar “esperto no ‘mundo’”.

Vejamos como essa transferência de valores da “roda” de capoeira para a vida cotidiana é sentida pelos frequentadores da “casinha”.

Muitos consideram que a capoeira é uma forma de “se defender na vida”.

Eder, uma das crianças ouvidas nesta pesquisa, tem 10 anos e frequenta o Projeto de Formação I há mais de 3 anos:

Wilson _ E das coisas que o mestre fala, o que você acha que serve para você?

Eder _ *Acho que serve sobre os golpes e a defesa, que a gente tem que treinar bem, ter bastante disciplina pra depois quando alguém for querer bater em você, você se defender. Ou se a pessoa for lá, e for maior que você, a pessoa vier dá um chute em você, você se defende e sai correndo.*

Wilson _ Se defende e sai correndo?

Eder _ *É!*

Wilson _ O mestre já falou isso para você?

Eder _ *Já. Porque senão, se a pessoa pega você, aí sai mais confusão, né?.*

Altemar tem 11 anos e frequenta o Projeto de Formação I há mais de 2 anos:

Altemar _ *Antigamente, eu brigava muito. Qualquer coisinha que falava comigo eu já brigava, já era um muque.*

Wilson _ E agora por que mudou?

Altemar _ *Ah! Porque antes, né, era assim, eu ficava na rua aprendendo o que não deve né, aí depois eu entrei na “casinha”, entrei na escola, aprendendo o que deve, aí foi mudando!*

Wilson _ O que você aprendeu aqui na “casinha”? O que ajudou você a mudar?

Altemar _ *Ah! O que eu acho que ajudou eu a mudar foi a capoeira e as coisa que o mestre falou.*

Wilson _ O que o mestre falou?

Altemar _ *Ele falava que a gente não podia brigar na rua né, que nem eu disse, não usar a capoeira para brigar esses negócio né, aí eu fui pensano, fui pensano ... aí eu falei: já que não pode usar a capoeira pra brigar, não pode usar nem o muque, nem nada, aí eu parei de ficar brigando, com tanta violência, né?*

Janaína tem 14 anos e frequenta o Projeto de Formação I há 6 anos.

Wilson _ Como você era antes de frequentar o Projeto e o que você aprendeu nele?

Janaína _ *É, eu era mole, era chorona, eu era besta. E isso o Mestre Salvador sempre falava: “_ Janaína deixa de ser besta, pára de ser mole. Não deixa os outros se aproveitar de você!”. Mas agora eu melhorei muito do que eu era, porque a gente tem que tá esperto, porque se bobear, a gente dança . Como o Mestre sempre fala, a gente tem que tá esperto com o “outro” porque se você bobear, o “outro” te pega. Você não pode ficar “marcando”.*

Wilson _ Como assim?

Janaína _ *Porque, que nem, o Mestre Salvador, ele tem mania, muita mania de, pra você ficar esperto na roda de capoeira, de dar tapa na sua cara. Ele não bate, sabe? Não é de verdade, mas ele ameaça que é pra mostrar que “o outro” não pode te marcar, porque se marcar, cê já dançou já, por isso tem que tá sempre esperto. Tem que ficar esperto não só na “roda” de capoeira como aqui fora também. Por exemplo, se você vê uma pessoa diferente, cê tem que ficar esperto, desconfiar de alguma coisa diferente.*

Os relatos dessas crianças e jovens frequentadores do Projeto de Formação I são muito interessantes, pois revelam que incorporaram muitos princípios da filosofia da capoeira em seus dia-a-dia.

Ainda na década de 1930, o criador da *Capoeira Regional Baiana*, Mestre Bimba, instituiu o que ele chamou de “os princípios da malícia”, com o objetivo de proporcionar uma vida mais segura aos praticantes de capoeira:

- 1- Sempre que dormir em casa alheia, durma com um olho aberto e o outro fechado, deitado de barriga pra cima, contando as telhas até a manhã;
- 2- Nunca passe por debaixo de árvore frondosa, nem vire a esquina, vá pelo meio da rua, pode ter alguém te esperando;
- 3- É sempre melhor sair na hora certa do que morrer;
- 4- Não se esqueça que a fruta só dá no tempo certo e quem quer aprender a costurar tem que se furar na agulha.

(cf. Barão, 1998).

Os princípios da malícia tal como criados por Mestre Bimba e seguidos pelos capoeiristas revelam uma série de valores auxiliares no cotidiano.

No primeiro princípio subjaz o princípio da “desconfiança” – o bom capoeirista precisa estar desconfiado até de sua sombra, pois não sabe o que lhe espera. Janaína, praticante de capoeira no Projeto de Formação I, incorporou este princípio admitindo que “... *se você vê uma pessoa diferente, cê tem que ficar esperto, desconfiar de alguma coisa diferente*”. No segundo princípio vemos a noção de “esperteza”. Mais que se manter desconfiado cabe ao bom capoeirista ficar esperto, não apenas em relação ao seu adversário no momento do jogo de capoeira, mas também na vida diária, atentando-se a pequenos detalhes, pois nunca se sabe de onde pode vir a surpresa. Ainda nas palavras de Janaína, “... *a gente tem que tá esperto com o outro porque se bobear, o ‘outro’ te pega*”. No terceiro princípio professado por Mestre Bimba vemos embutida a noção de “sabedoria”: é preciso saber a hora certa de vencer, recuar, preservar a vida etc. Numa briga, “... *se a pessoa for lá, e for maior que você, e a pessoa vier dá um chute em você, você se defende e sai correndo, porque senão é perigoso*”, conforme alegou Eder, frequentador do Projeto de Formação I. E, por fim, no quarto princípio temos a noção de “cautela” e “experiência”. O bom capoeirista precisa ser cauteloso em sua vivência, algo que se conquista com as experiências vividas. Altemar, através dos ensinamentos do mestre de capoeira, aprendeu a importância de se ser cauteloso. Tendo a experiência de resolver suas diferenças com os outros colegas através da agressão física, decidiu agir de outra forma, pois se a capoeira não pode ser usada para brigar, “... *não (se) pode usar nem o muque, nem nada*”.

No Projeto de Formação I, a finalidade de Mestre Salvador ao praticar a capoeira com as crianças e jovens é, como ele próprio afirma, “*transmitir os valores capoeiristas a eles*” por acreditar que “... *a capoeira é rica na formação do homem*”.

Assim como Mestre Salvador, outros mestres de capoeira, enfatizam a eficácia dos princípios da capoeira na formação de indivíduos.

Odailton Pollon Lopes (1991), um estudioso que realizou um vigoroso trabalho de entrevistas com mestres de capoeira que ensinam seu ofício nas universidades, apresenta depoimentos interessantes de mestres sobre a importância da capoeira na formação de cidadãos.

Um dos mestres entrevistados diz:

“E quando se educar, educar não, educar é uma palavra muito ampla, mas pelo menos a gente pudesse enfocar cada vez mais a oportunidade que a gente tem de pegar na mão do companheiro, de agarrar para dar uma queda, ter esse contato que a gente tem, essa troca de energia. É motivado ainda mais pelo entrosamento da música, da palma, aquele aconchego todo, aquela graça toda que existe numa roda de capoeira. É uma oportunidade que a gente tem de vibrar mais energia positiva e de haver uma troca de informações neste aspecto. Haver um pouco mais de fraternidade e isso faz parte de uma educação. E a partir do momento que você transmitir isto para uma criança e explicar para ela o valor que tem o seu companheiro, perante toda a essência da vida, não somente na capoeira, mas em todo setor da vida. Ela vai sempre necessitar de alguém para ter alguma coisa na vida, tá! A gente vai entender melhor essa capoeira, vai entender melhor o que é uma pessoa para outra pessoa”.

(Lopes, 1991:14).

Um outro mestre diz:

“Uma roda de capoeira nos dá a oportunidade muito grande da gente ser bom, ruim, falso, competitivo, cooperador, então, se (os alunos) não aprenderem a fazer nenhum movimento dentro dessa modalidade, mas se saírem com um conhecimento melhor, uma possibilidade

de se ter conhecido melhor intimamente. Se chegou aqui com ácido de seu companheiro e saiu pegando na mão desse companheiro, e saiu daqui um pouquinho melhor, espiritualmente falando, eu acho que isso é um grande trabalho (...) a capoeira é um meio para melhorar a qualidade de um ser humano. É assim que eu gostaria que todos trabalhassem a capoeira (...) É só isso que eu tenho pra dizer”.

(Lopes, 1991:25/26).

Sigamos a fala de um terceiro mestre:

“A capoeira, dá a oportunidade do garoto se encorajar, mas não se encorajar para a luta da capoeira, mas se encorajar para a luta da vida. Sabendo respeitar, sabendo chegar e se fazer entender e se fazer ouvir de cabeça erguida”.

(Lopes, 1991:20).

O sociólogo Renato Luiz Vieira (1998), outro estudioso da capoeira, entrevistando Mestre Curió, na Bahia, ouviu de seu entrevistado:

“A mandinga da malícia do capoeirista, quando ele se diz realmente capoeirista (...). Porque tem pessoas que se preocupam em chegar na roda, trocar pancada e dizer que é bom. Mas não é o bom. Mandinga é isso, é sagacidade, é você poder bater no adversário e não bater. Você mostrar que não bateu porque não quis. Não é você quebrar a boca do camarada não. Isso não é capoeira. Capoeira é respeitar”.

(Vieira, 1998: 112).

Os trechos apresentados acima convergem em uma idéia central, a de que a capoeira tem a capacidade de transmitir saberes durante a “roda” que são úteis para o capoeirista em seu convívio social fora da “roda”. E são estes saberes que se mostram úteis à vida dos capoeiristas, que o Projeto de Formação I espera que seus freqüentadores adquiram.

De acordo com as normas do Projeto, todos os frequentadores têm por obrigação praticar todas as atividades propostas, mesmo não simpatizando com algumas delas. Débora, 10 anos, frequentadora do Projeto diz:

“O que eu mais gosto aqui na ‘casinha’ é a dança, eu adoro dançar. E o que eu não gosto é a capoeira porque é chato, chato, chato. Se eu pudesse eu nem aparecia aqui na roda, mas é obrigado fazer, né? O mestre pega muito no pé da gente! Tem que ficar gingando. Na dança a gente mexe o corpo, mas não é gingar. E eu acho que capoeira é mais pra homem, tem uma coisa de luta. Por isso eu também não gosto”.

Outras justificativas são dadas por aqueles que resistem em praticar a capoeira na “casinha”, algumas com orientação prévia de familiares guiados por uma orientação sócio-religiosa. Gustavo, 8 anos, frequentador do Projeto de Formação I, diz, por exemplo:

“O que eu não gosto é da capoeira aqui na “casinha” porque é do demônio (...) Minha mãe que falou”.

A justificativa mais frequentemente apresentada pelas crianças e jovens, no entanto, (principalmente por meninas) que resistem em praticar capoeira, é a de que “a capoeira cansa!”.

Para Janaína, 14 anos de idade e há 6 frequentando a “casinha”:

“A capoeira cansa muito e as meninas (suas colegas na ‘casinha’) são muito preguiçosas. Elas não gostam de fazer dança, não gostam de fazer capoeira, nada!”.

Inídes, 11 anos de idade e há 1 ano frequentando a “casinha”, diz:

Wilson _ Você sabia que tinha capoeira aqui na “casinha”?

Inídes _ Sabia (risos). No começo eu gostava de fazer todas as atividades, mas depois eu fui enjoando, assim (...), saí um pouco do ritmo.

Wilson _ E no começo você gostava da capoeira?

Inídes _ Ah! No começo eu fazia todas as atividades, o que mandavam eu fazer, eu fazia ... Agora eu continuo fazendo, mas não era como eu fazia antes. Não dá mais vontade!

Wilson _ Mas, por que você acha que acabou a vontade?

Inídes _ Ah! Não sei, eu acho uma coisa assim (...) ah! Como eu vou explicar?

Wilson _ Mas, hoje você não gosta mais de fazer capoeira?

Inídes _ *Não.*

Wilson _ Se você pudesse nem vir na roda você não viria?

Inídes _ *Não. Assim eu já não penso. Eu gosto de debater as coisas que o Mestre fala na “roda”. Mas, de jogar capoeira eu já não gosto muito. Quando ele fala pra fazer a “roda” e ir gingar lá no meio dela, eu não gosto. Dá vergonha.*

Essa fala, nos leva a deduzir que a capoeira atinge, em seus princípios, os freqüentadores da Fundação sem que estes estejam, necessariamente, *gingando* na “roda”. Embora haja certa resistência, por parte de alguns freqüentadores em praticar as atividades físicas da capoeira, tais crianças e jovens acabam estabelecendo uma relação muito próxima com os princípios morais da capoeira, uma vez que mesmo resistindo em executar os movimentos corporais, são solicitados a estarem presentes no ambiente físico onde a capoeira é praticada^[20]. E uma vez presentes no ambiente físico em que ocorre a prática da capoeira, são envolvidos pelos princípios educativos da capoeira seja através dos ensinamentos transmitidos pelo Mestre através de gestos e palavras, seja através das atividades lúdicas que se realizam como a dança do *maculelê* e a *puxada de rede*^[21].

Durante as atividades de exercícios corporais de capoeira na “casinha”, Mestre Salvador faz questão que seja observado e seguido atentamente, em seus movimentos, pelas crianças e jovens participantes. Geralmente inicia uma sessão de exercícios com determinados movimentos pedindo para que os alunos o imitem. Sem qualquer aviso prévio, muda repentinamente os movimentos e, ao constatar que muitos não perceberam a mudança diz: “_ *Tem gente que não percebeu que os movimentos mudaram! (...) Olha só o que eu estou fazendo agora!*”

Ao transmitir um novo movimento da capoeira, Mestre Salvador insiste junto às crianças e jovens que realizem com perfeição.

Ensinando as crianças do grupo 1 da manhã (cuja faixa etária varia entre 11 e 12 anos) a fazerem o movimento de AU^[22], uma delas disse: “_ *Eu não consigo Mestre, eu não vou fazer*”. Mestre Salvador insistiu para que tentasse. Com sua ajuda, aos poucos a criança foi executando tal movimento com sucesso.

Esse caso demonstra um dos princípios valorizados pelos mestres de capoeira, a liberação do medo e da insegurança. Ao estimular insistentemente a criança a executar os movimentos de AU, dizendo a todo instante que ela era capaz, Mestre Salvador trabalhou com a autoconfiança da criança, uma vez que assim que se viu executar tal movimento proposto pelo Mestre, com sucesso, repetiu-o inúmeras vezes.

Isso nos revela que à medida que a criança, ou jovem, tem oportunidade de manifestar sua expressão, através do jogo, da dança, do esporte, ela enxerga mais claramente seu ‘eu’ e desenvolve processos de auto-realização, de equiparação, de confronto, de superação, de obediência, de comando e de liderança, que bem orientados podem lhe mostrar seus verdadeiros níveis de expectativa e de realidade (cf. Godoy, Maria Cristina Ribeiro *apud* Machado, Lara Rodrigues, 2001).

Em alguns casos, quando algum freqüentador da “casinha” está apresentando um comportamento considerado reprovável nas atividades de capoeira, há punição a ele. Ali, as punições se dão, na maioria das vezes, em forma de *desafio*.

Certa vez, Mestre Salvador desafiou Willian, 10 anos, um dos freqüentadores, a fazer 100 *cocorinhas*^[23] porque havia agredido fisicamente um de seus colegas de grupo. Willian aceita o desafio e faz as 100 *cocorinhas*. A situação era de desafio: o mestre desafiava Willian a executar tal prova, por um lado e, Willian aceitava o desafio de forma desafiadora, por outro. É como se mestre e aluno estivessem se desafiando mutuamente. Conforme Willian ia executando os movimentos de *cocorinha*, seus colegas de grupo contavam, com entusiasmo, cada um de seus movimentos até a centésima repetição. Com a execução do castigo, Mestre Salvador argumentou para os que ali estavam presentes que:

“É melhor fazer 100 cocorinhas do que ficar dando soco nos outros. Se tem bastante energia para gastar, gasta fazendo (castigo) 100 cocorinhas”.

A punição nesse caso se mostra como princípio condutor ao comportamento disciplinar. Porém, outras formas de disciplinar são conduzidas por Mestre Salvador. Segundo ele, existem várias formas de se ensinar os princípios da capoeira.

Ao se defrontar com uma resistência em fazer capoeira vinda de alguns freqüentadores da “casinha”, Mestre Salvador propõe brincadeiras que, segundo ele, estão intimamente relacionadas à prática capoeirística uma vez que princípios como cooperação, destreza, e atenção, são compartilhados.

Vejamos um trecho transcrito de uma das entrevistas realizadas com o Mestre:

Wilson _Então, você estava falando que fez uma atividade diferente com as crianças, levou pra brincar um pouco no campo (mini-campo de futebol) porque é ..., não adianta deixar a criança “muito forçada” , é isso? Não adianta deixar a criança muito presa fazendo as coisas obrigadas?

Mestre Salvador – *É, hoje eu fiz uma atividade diferente com a criançada, e foi formada uma roda, foi discutido, foi falado de capoeira e, eles mesmos que colocaram a posição. “_ Pô, capoeira, capoeira, capoeira... todo dia, todo dia, toda hora, nós estamos meio cansados”. E eu percebi que a criança quer brincar de “pega corrente”, criança quer brincar de “pega-pega”, quer brincar de bola. A criança quando ela sente o berimbau tocando, ela quer brincar, ela quer fazer uma coisa descontraída (...) E a gente, nós mestres de capoeira, não conseguimos forçar, ensinar a capoeira da mesma forma que a gente ensina pra adulto, deveria ensinar para a criança, mas a gente não consegue fazer isso. A criança, pra conquistar isso da criança é preciso dar asa à imaginação, ou seja, tem que deixar acontecer tem que deixar fluir com a própria atividade, a brincadeira da criança num projeto. A criança quer brincar, e existem várias formas de ensinar a criança a brincar, deixar a criança se envolver pelo toque do instrumento, do canto, de enfim, de brincadeiras que envolvem a criança na capoeira e despertar o interesse da criança num certo movimento e ela mesma vai se sentir desafiada. E é isso que eu vejo se desenvolver muito bem, quando você desafia ela ao movimento. Ou, nem todas as crianças são iguais, uma não quer, outras querem, outras querem até demais fazer capoeira é (...), uma chega no ponto de dizer “Hoje eu não tô afim de jogar capoeira”, tá? Nós capoeiristas devemos respeitar esse ponto da criança quando é possível e um jeito de fazer isso é adaptando a capoeira a outras atividades.*

Utilizar atividades lúdicas na prática de capoeira é algo muito aceito por grande parte dos frequentadores as “casinha”, mesmo aqueles que apresentam certa resistência em fazer exercícios de capoeira.

Gustavo, 8 anos, ao falar dessas atividades propostas por Mestre Salvador, diz:

“Eu não gosto muito de jogar capoeira, mas eu gosto muito quando o Mestre brinca com a gente de pega-pega, pega-gelo... aí é bem legal, nessa parte eu gosto!”.

Certa vez, Mestre Salvador propôs uma atividade em que deveriam participar dois integrantes por vez. A brincadeira era a seguinte: Um boné deveria ficar no chão. Através da *ginga* da capoeira (e sem utilizar as mãos) ambos os integrantes deveriam tentar agarrar o boné que estava localizado no chão, com o auxílio da boca. O principal objetivo dessa brincadeira, segundo Mestre Salvador era “*testar a esperteza dos integrantes*”, já que ambos deveriam tentar pegar o boné localizado no chão, com o auxílio da boca, ao mesmo

tempo em que cada um deles deveria *ficar esperto* com seu parceiro para que não conseguisse pegar primeiro. Nessa atividade, muitas crianças não se continham em esperar sua próxima vez e diante disso diziam: “_ *Mestre deixa eu agora, deixa eu de novo!*”. Tendo como resposta do Mestre: “_ *Agora você tem que esperar a sua vez*”.

Analisando esta atividade lúdica proposta pelo mestre de capoeira às crianças, vemos que nela os princípios morais valorizados na capoeira estavam presentes como a esperteza, a disciplina com o corpo, o autocontrole e respeito às regras ao terem que esperar sua respectiva vez para participar da brincadeira novamente.

Ao analisar a experiência da criança nos jogos Walter Benjamin (1984) escreve:

“Sabemos que para a criança ela é a alma do jogo, que nada alegra-a mais do que o ‘mais uma vez’ (...) E, de fato, toda e qualquer experiência mais profunda deseja insaciavelmente, até o final de todas as coisas, repetição e retorno, restabelecimento de uma situação primordial da qual nasceu o impulso primeiro”.

(Benjamin, 1984:74).

Analisando a proposta do Mestre Salvador em desenvolver atividades lúdicas com as crianças do Projeto de Formação I, a fim de conduzi-las a princípios morais valorizados pelo homem em convívio social, podemos entender que a essência do brincar não é um “fazer como se”, mas um “fazer sempre de novo”, transformando a experiência mais comumente em hábito (cf. Benjamin, 1984). Pois, ainda nas palavras do pensador Walter Benjamin (1984):

“... é o jogo, e nada mais, que dá à luz todo hábito (...) Todo hábito entra na vida como brincadeira, e mesmo em suas formas mais enrijecidas sobrevive um restinho de jogo até o final”.

(*op.cit*, 1984:75).

Essa colocação de Benjamin (1984), pode ser aplicada aos princípios educacionais mantidos pelo mestre de capoeira no Projeto de Formação I: um empenho no sentido de se transmitir às crianças princípios valorizados pelo homem no convívio social (o hábito, tal como é entendido por Benjamin) através do jogo. Nesse sentido, a prática educativa, imersa nos diferentes trabalhos do cotidiano, aparentemente espontâneos e desorganizados,

são momentos de trocas de condutas e significados, regidos por regras e princípios que, aos poucos, incorporam à pessoa de cada um os códigos das diferentes outras situações da vida social.

6. O Mestre “sai”, sua lição permanece

Após cinco anos de trabalho no Projeto de Formação I, Mestre Salvador, se desligou da instituição por razões de ordem pessoal, como ele próprio argumentou. Segundo ele, sua saída do Projeto se justifica por desentendimentos gerados com a coordenação.

De acordo com a coordenadora pedagógica do Projeto de Formação I, o problema que levou à saída do Mestre Salvador não está vinculado às atividades de capoeira em si. Segundo ela:

“A situação com o Salvador já vinha se arrastando há muito tempo, sabe. Eu conversei com o outro coordenador e nós achamos melhor dispensá-lo. O problema não está na capoeira. Nós sabemos que a capoeira tem princípios educativos bastante eficientes. Nós até queríamos contratar um outro mestre, mas não tínhamos ninguém da capoeira disponível de imediato. Aí nós consultamos alguns currículos arquivados aqui no Projeto e contratamos um ator. Ele desenvolve atividades de artes cênicas com as crianças. Estamos tendo bons resultados também, as crianças estão adorando”.

Através deste trecho de entrevista, a coordenadora tenta deixar evidente a natureza do conflito gerado entre Mestre Salvador e a coordenação do projeto: um conflito de ordem estritamente pessoal.

Mestre Salvador, por sua vez, deixa evidente que sua saída do Projeto tem a ver com sua insatisfação com a coordenação do Projeto. Segundo ele:

“A coordenação do Projeto não sabe o que quer. Como é que uma pessoa que não participa do mundo da capoeira pode dizer o que é bom e o que não é pro meu trabalho? A questão do uniforme é fundamental para o capoeirista. Ali

você via que uns tinham uniforme, outros não. O espaço também. Um espaço muito grande, não tinha como a criança ficar concentrada na ‘roda’^[24]’.

Para Mestre Salvador, faltou a coordenação “*levar mais a sério os fundamentos da capoeira*” respeitar princípios que, segundo ele, são essenciais para um bom andamento das atividades capoeirísticas, como ajudá-lo a conscientizar as crianças a usarem uniformes de capoeira nos dias de atividade capoeirística, adaptar um espaço físico que fosse exclusivo da capoeira na “casinha”, etc.

Na verdade não havia uma fiscalização em relação ao uso dos uniformes de capoeira. Embora o projeto fornecesse uniformes novos durante os batizados de capoeira realizados anualmente, nem todas as crianças e jovens iam uniformizados às atividades de capoeira. Na visão de Mestre Salvador, isto deveria ser controlado pela coordenação.

Esse conflito do mestre de capoeira com a coordenação do Projeto de Formação I mostra os impasses da prática capoeirística cuja coordenação não depende apenas dos capoeiristas, mas de pessoas que não são praticantes e que por isso, conforme percebe Mestre Salvador, não entendem plenamente as necessidades da disciplina capoeirística.

O capoeirista deve ter zelo com seu uniforme, respeitar e honrar seu cordão de graduação, se concentrar ao máximo nas atividades da “roda” de capoeira, condutas bastante enfatizadas desde os ensinamentos de Mestre Bimba, na Bahia dos anos 30. Essas questões, muitas vezes difíceis de serem cumpridas no Projeto, geravam certa insatisfação em Mestre Salvador e após longo tempo de reflexão resolveu suspender suas atividades na instituição.

Enquanto pesquisador da prática capoeirística no Projeto de Formação I e podendo observar a eficiência desta prática durante o trabalho de acompanhamento que realizei e mediante depoimentos das crianças e jovens frequentadores do Projeto, uma questão passou a me incomodar com a saída do Mestre e a conseqüente extinção da prática capoeirística nessa instituição: o que significou a interrupção do trabalho de Mestre Salvador para as crianças e jovens frequentadores?

Ao falar da interrupção de seu trabalho na “casinha”, o Mestre diz:

Mestre Salvador _ *Foi muito duro nos primeiros dias, sabe? Eu não me acostumava com a idéia de ter que largar aquelas crianças. Pra mim foi muito difícil.*

Wilson _ E para as crianças, Mestre, como é que elas ficam com o fim da capoeira no Projeto?

Mestre Salvador _ *A capoeira não acabou! Ela continua na cabeça de cada um deles. O que eu ensinei, o que eu passei a eles, eles nunca mais vão se esquecer. Isso eles levam pra vida deles.*

Wilson _ Então o que você está querendo dizer é que mesmo não existindo mais “rodas” de capoeira na “casinha”, as crianças e jovens a manterão viva na memória?

Mestre Salvador _ *Exatamente. O que eles aprenderam na capoeira ninguém tira deles. Porque a capoeira é a vivência em torno do mestre e, se algum dia alguém perguntar com quem eles fizeram capoeira eles vão dizer: “_ Mestre Salvador!” Ainda esses dias eu fui a uma apresentação de “roda” de capoeira lá perto (nas proximidades do Projeto de Formação I). Quando eu estava passando com o meu carro por uma das ruas do bairro, eu comecei a ouvir uma gritaria ... eles falavam: “_ É o Mestre! _ Olha lá o Mestre!” Isso mostra que eles nunca vão se esquecer que fizeram capoeira um dia, e que fizeram capoeira com o Mestre no Projeto.*

Esta fala de Mestre Salvador comprova o sentimento e atitudes das crianças na “casinha” após sua saída^[25]. Com o desligamento do Mestre, muitas crianças chegavam a mim dizendo: “_ Já que vocês (o Mestre e eu) são amigos, fala pra ele vim ver a gente!” “_ O Mestre tá trabalhando aonde agora?”.

Certo dia, cheguei para acompanhar as atividades do monitor responsável pelas atividades de artes cênicas e Gustavo, 8 anos, uma das crianças que frequenta a “casinha” me perguntou: “_ Cadê o Salvador? Fala pra ele vim aqui na Fundação, nem se for só pra visitar a gente!”.

Numa outra ocasião, Aline, 11 anos, me disse: “_ Wilson, olha só a roupa de capoeira!” exibindo a camiseta que era o uniforme de capoeira do Projeto e que ela estava vestindo ocasionalmente naquele dia. Na ocasião, perguntei a ela:

Wilson _ É, e você gostava de fazer capoeira?

Aline _ *Mais ou menos!*

Wilson _ E você queria que o Mestre Salvador voltasse?

Aline _ *Eu queria!*

Wilson _ Por quê?

Aline _ *Ah! Pra ele ensinar mais coisa pra gente!*

Denis, 12 anos e freqüentador da “casinha” há 4 anos, disse numa conversa que tivemos:

Wilson _ E quando o Mestre saiu, o que você achou? Você achou que foi bom pra “casinha”? O que você achou?

Denis _ *Achei ruim né. Quando o Mestre saiu, ficou chato porque a capoeira é mais legal. E cê aprende a se defender. Antes eu queria ser mestre de capoeira, né. Mas agora eu vou pensar de novo porque eu parei com a capoeira e eu tô pensano em ser desenhista porque eu tô desenhano bem e eu vou entrar num curso de desenhista depois que eu terminar o curso de computação, eu vou fazer o curso de desenhista e a minha mãe, o ano que vem, vai por eu na guardinha pra eu ganhar dinheiro também, né?*

Wilson _ Então você queria ser mestre de capoeira, mas agora você quer ser desenhista?

Denis _ *É, eu tentei, **por causa do Mestre**, eu tentei né, ser mestre de capoeira, mas eu acho que não vai dar.*

Wilson _ Mas, por que você queria ser mestre de capoeira?

Denis _ *É porque eu estava aprendendo bastante a tocar instrumento, dá salto mortal, muita coisa né, eu tava passando rapidinho de cordão. Daí eu pensei!*

Welington, 11 anos, um outro freqüentador diz:

Welington _ *O Mestre falava muito que a gente têm que ser alguém na vida.*

Wilson _ O que você acha disso?

Wellington _ *Ah! Eu acho que é uma coisa boa que ele falou. Porque que nem, tipo assim, você tem que ser alguém na vida porque você vai ficar na rua, conversando com alguém que usa drogas, ficar nessa vida? Não pode! Mesmo que alguém da sua família é, cê tem que ir seguindo em frente, não pode ir pra isso!*

Wilson _ E isso você acha que aprendeu bem com a capoeira?

Wellington _ *Eu aprendi isso foi com o Mestre.*

Nestes trechos de entrevistas, percebemos o quanto Mestre Salvador tornou-se um ponto de referência na vida de alguns dos praticantes da capoeira no Projeto de Formação I. Várias das “lições de vida” transmitidas por ele às crianças durante a “roda” de capoeira na “casinha”, foram incorporadas ao longo do tempo. Tais “lições” encontram respaldo nos fundamentos da *Capoeira Regional Baiana*, instituída na década de 1930, pelo conhecido Mestre Bimba, como vimos, onde valorizava-se o perfil do “bom cidadão”, o homem trabalhador, voltado aos esportes, à família e sem vícios.

Luíz Augusto Normanha Lima (1990b), procura, num de seus estudos, discutir a particularidade da prática capoeirística para cada mestre. Entendendo a capoeira como um fenômeno em si genérico, procura interpretar como este fenômeno (genérico) se apresenta aos mestres e como cada um deles a pratica e perpetua seus princípios passando-os aos seus seguidores. Partindo da subjetividade desses mestres, Lima (1990b) busca compreender em seu estudo o que há de semelhante e/ou distintivo em seus discursos concluindo que o fenômeno da capoeira em si, tem todas as possibilidades de ser uma prática educativa dependendo da direcionalidade e intencionalidade de quem a ensina (cf. Lima, 1990b).

Sendo assim, podemos entender que a capoeira se manifesta de diferentes formas conforme o lugar onde é praticada, quem a pratica e a que interesses está servindo.

Denis, 12 anos, um dos frequentadores do Projeto de Formação I, nos fala de como a capoeira pode se apresentar de diferentes maneiras conforme o contexto em que é praticada. Sigamos parte da entrevista:

Wilson _ Você só fez capoeira com o Mestre Salvador?

Denis _ *Não. Fiz já lá perto da minha casa.*

Wilson _ Mas você fazia aqui (no Projeto) e lá?

Denis _ *Fazia lá, daí acabou lá. Lá era tipo violência né, os caras que dava aula lá, era tipo capoeira violenta na gente.*

Wilson _ Não era como o Mestre que ficava falando, explicando?

Denis _ *Não, não. Era diferente. Lá a gente aprendia um monte de golpe porque eles davam soco forte.*

Wilson _ E quando você começou a fazer capoeira aqui com o Mestre, você achou alguma diferença?

Denis _ *É, é diferente! Aqui o Mestre começava com estrelinha, com coisa mole. Lá não, já começava com eles falando “_ Você tem que saber dar mortal!”^[26]*

Wilson _ Aqui na “casinha” o Mestre Salvador conversava muito né, ele falava muito da história da capoeira ... (Denis interrompe minha fala)

Denis _ *Ah, é!*

Wilson _ Falava o que vocês podiam fazer, o que vocês não podiam né, quer dizer, tinha muito isso!

Denis _ *Ah, é! Ele mandava a gente fazer a roda e começava a conversar e só depois que nós começava a treinar capoeira.*

Wilson _ O que vocês conversavam na “roda”?

Denis _ *Nós cantava música, batia palma. O Mestre Salvador contava também coisas do Mestre Bimba ...*

Wilson _ E esse outro professor que você tinha aula lá na outra sede, ele também contava a história da capoeira?

Denis _ *Ah! Ele falava “_ Vamo fazer a roda, vai, vai ... demorou, demorou, vai veste a roupa” e aí a gente vestia a roupa e começava a treinar junto com ele.*

Wilson _ E você gostava?

Denis _ *Ah! Eu gostava também!*

A proposta da prática capoeirística no Projeto de Formação I era a de se trabalhar os princípios de autocontrole, respeito mútuo, disciplina, autoconfiança, autoridade, equilíbrio emocional e vários outros princípios morais valorizados pelo homem no convívio social, como dissemos. O trabalho de capoeira ali desenvolvido tinha como intenção utilizar a disciplina dos movimentos corporais e também os princípios morais sustentados na “roda” de capoeira, para conduzir os freqüentadores da “casinha” aos princípios de cidadania.

A fala de Gislene, 16 anos de idade e freqüentadora da “casinha” há 6 anos, reflete o resultado do trabalho de Mestre Salvador com a capoeira no Projeto de Formação I. Sigamos um trecho de sua fala:

Gislene _ A “casinha” é um pedaço da minha vida, é a segunda base. É tipo uma família, porque muita coisa da minha vida tem a ver com a “casinha”. Por exemplo, no começo eu não queria fazer capoeira por causa do meu corpo. Eu achava que não iria conseguir. Mas o Mestre me incentivou. Eu confiei nele. Ele disse que qualquer coisa que acontecesse ele estaria para me ajudar. Para me ensinar. Sabe, o Mestre me ajudou na decisão do esporte. Eu disse: “_ Mestre eu acho que vou jogar futebol” e ele me disse: “_ Eu sei que você pode!”. O Mestre sabe a hora de dar sermão, mas sabe também a hora de ouvir. E tem mais, ele se preocupa comigo e com os alunos dele. Quando a gente falta mais de uma aula, ele quer saber o que aconteceu. É como se ele fosse meu pai^[27].

Com isso, percebemos que a relação do Mestre com muitos dos freqüentadores da “casinha” extrapola as atividades restritas ao Projeto de Formação I e ganham dimensões que se estabelecem no cotidiano.

7. Oficina Capoeirar: uma referência comparativa

Com a saída de Mestre Salvador do Projeto de Formação I, continuei realizando pesquisa naquele local com o propósito de pesquisar qual o espaço que a capoeira ainda ocupava nas vidas dos freqüentadores; procurei analisar o que a capoeira deixou de efetivo na memória de quem a praticava naquele projeto, como demonstramos acima. Paralelamente a isso, comecei a acompanhar as atividades de um outro projeto sócio-educacional que inclui entre suas atividades a prática da capoeira. Trata-se da *Oficina Capoeirar* do “Projeto: Ame a Vida sem Drogas” da FEAC (Federação das Entidades Assistenciais de Campinas). Tal Projeto entrou em atividade em 1998 e seu principal

objetivo é contribuir para o enfrentamento do problema da drogadização entre crianças e jovens, a partir de trabalhos pedagógicos desenvolvidos visando prioritariamente a prevenção primária junto a alunos de escolas públicas^[28].

O trabalho desenvolvido no Projeto “Ame a Vida Sem Drogas” acontece com atividades que propiciam a conscientização da realidade dos problemas com o uso indevido de drogas bem como atividades que propiciem a elevação da auto-estima e a ampliação da visão de mundo e a afetividade da criança e do jovem.

O referido Projeto, assim como o Projeto de Formação I da Fundação Orsa, entende a capoeira como prática educativa. O Projeto conta também com atividades de dança, ginástica geral e teatro.

A unidade do projeto onde funciona as atividades de capoeira é chamada *Oficina Capoeirar* que mantém suas atividades duas vezes por semana, às 3^{as} e 5^{as} feiras, em dois períodos: das 16:00 às 17:30 hs e das 18:00 às 19:30 hs^[29].

O público freqüentador são todos alunos da Rede Pública de Ensino, a maioria da própria escola em que a oficina funciona. A faixa etária varia entre 11 e 15 anos. Os integrantes da *Oficina Capoeirar* não são divididos por idade como ocorre no Projeto de Formação I. Tanto no primeiro horário como no segundo, os integrantes possuem idades variadas. Ao todo, contam-se cerca de 37 alunos.

Segundo a monitora de capoeira responsável pelas atividades da *Oficina Capoeirar*, Marta Lima Jardim, Martinha, como é conhecida, o Projeto tem como propósito apresentar a capoeira como importante manifestação cultural brasileira e como enriquecedora do processo educativo das crianças e jovens da comunidade.

Nesta *Oficina*, as atividades de capoeira começam sempre com uma sessão de alongamentos. Em seguida, os praticantes passam para os movimentos corporais da capoeira.

Durante as atividades, os integrantes ficam bastante à vontade. Enquanto a monitora ensina alguns a tocar instrumentos, outros ficam *gingando* entre si e é notório o interesse dessas crianças e jovens em praticar a capoeira na *Oficina*.

Na maioria das vezes, grande parte dos integrantes da *Oficina* chega momentos antes da monitora, assim vários deles começam a tocar instrumentos de maneira bastante sincronizada. Tocam pandeiro, berimbau e atabaque estabelecendo-se um revezamento entre eles. Ao mesmo tempo, os que não estão tocando instrumentos começam a executar movimentos de capoeira além de discutirem entre si a execução de tais movimentos.

Para se ter uma idéia da intensidade de participação dessas crianças e jovens na capoeira, Adriano, 12 anos, confessa: “_ *Quando eu comecei a aprender capoeira eu fazia até no asfalto!*”.

Um fato notório é a impressionante empolgação dos capoeiristas da *Oficina Capoeirar* nas ocasiões de véspera de apresentações públicas de “roda” de capoeira. As crianças e jovens envolvidos no Projeto são tomados por uma empolgação e dedicação extraordinárias. Muitos se reúnem, inclusive, em horários alternados ao previsto para o funcionamento da *Oficina*, para ensaiarem.

Leoni, 13 anos, um outro freqüentador da *Oficina Capoeirar*, falando de sua primeira experiência apresentando a capoeira num evento público junto com a *Oficina*, confessa:

“_Eu quase nem dormi naquela noite! Era 2:00 hs da manhã aí eu falei ‘_ Vou dormir se não eu vou acabar dormindo no ônibus amanhã!’”.

Na fala que se segue, fica evidente sua intensa participação na capoeira:

Wilson – Você faz capoeira por quê?

Leoni – *Porque eu gosto!*

Wilson – É! Do que você gosta na capoeira?

Leoni – *De tudo!*

Wilson – Você pretende continuar aqui no Projeto então?

Leoni – *Lógico! Agora eu me interessei tanto que eu vou ver capoeira em tudo que é lugar. Quando tem tempo eu vou ver em tudo que é lugar, né! Esses tempos atrás eu fui ver uma apresentação de capoeira, aí eu cheguei lá e me chamaram pra gingar, eu e o Juliano dali (um outro integrante da Oficina Capoeirar). Nós apresentamo, entramos na “roda” e tudo!*

Na maior parte das vezes, os integrantes, sem exceção, ficam totalmente sintonizados no evento da “roda” de capoeira, não havendo a mínima dispersão por parte de um só integrante. Nestas ocasiões, é como se todos os integrantes do grupo estivessem inseridos num universo próprio, singular e único. São momentos em que todos os integrantes jogam, cantam, gesticulam e batem palmas de uma forma intensa.

Porém, nas raras situações de dispersão de alguns membros do grupo, torna-se evidente a exigência da monitora em relação à disciplina nas atividades. Certa vez ao explicar certo movimento de capoeira, três alunos ao invés de ouvi-la, ficaram conversando

distraidamente próximos do atabaque. Diante da situação, a monitora suspendeu a explicação que fazia e se voltou para tais alunos dizendo: “_ *É certo eu estar aqui explicando e vocês aí me atrapalhando?*”.

Durante as atividades de capoeira, Martinha não admite dispersão. Ao treinarem no trampolim, em certa ocasião um dos integrantes do grupo, começou a dizer frases para desconcentrar os colegas que estavam no trampolim. Percebendo tal atitude, Martinha solicitou que os demais alunos parassem suas atividades e prestassem atenção nela:

“_ Parem só um instante. Você acha bonito ficar fazendo gracinhas? Uma brincadeira como essa pode desconcentrar o colega e ele pode se machucar. Pode pisar no lugar errado do trampolim e levar pontos no pé. É isso que você quer ver? Eu já disse que aqui não dá para fazer gracinhas. Isso é muito feio. Todo mundo tem que estar totalmente concentrado”.

Vemos nesta postura da monitora alguns importantes princípios morais valorizados na capoeira. Esta situação poderia ser interpretada como mais uma simples bronca de um educador de projeto comunitário se não fosse a filosofia que sustenta tal reação. Primeiramente, vemos que a monitora se coloca na função de *conscientizar* seus alunos capoeiristas de que a atitude do garoto mencionado acima é reprovável por poder causar danos aos demais. Usando tal argumentação, a monitora simultaneamente valoriza o princípio da solidariedade, do cooperativismo e coletivismo: “_ *Uma brincadeira como essa pode desconcentrar o colega e ele pode se machucar (...)* *É isso que você quer ver?*”. E ainda, enfatiza a importância da disciplina e concentração durante as atividades: “_ *Eu já disse que aqui não dá para fazer gracinhas (...)*. *Todo mundo tem que estar totalmente concentrado*”.

A todo o momento, Martinha procura trabalhar a atenção/percepção dos integrantes da *Oficina Capoeirar* através dos movimentos corporais. Certa vez ao tocar o atabaque pediu para que os integrantes se dispersassem, ao parar de tocar o instrumento, disse repentinamente: “_ *Fiquem numa posição usando 4 apoios do corpo!*”. Esta atividade se repetiu por várias vezes e em várias sessões. Interessante observar que atividade semelhante era desenvolvida por Mestre Salvador no Projeto de Formação I, quando exigia aos frequentadores que o acompanhassem mudando de movimentos repentinamente. Assim

como Mestre Salvador, Martinha também insiste na perfeição dos golpes a serem executados pelos alunos. Estes devem executá-los com precisão e perfeição.

Uma outra semelhança encontrada entre os trabalhos de Mestre Salvador no Projeto de Formação I e Martinha na *Oficina Capoeirar* é o incentivo dedicado aos alunos. Conforme demonstramos páginas atrás, uma das características do trabalho de Mestre Salvador no Projeto de Formação I era o incentivo que prestava às crianças e jovens, fosse em relação aos movimentos corporais, fosse em relação a assuntos de ordem pessoal dos freqüentadores da “casinha”. Esta relação de zelo, preocupação e incentivo também ocorre na *Ofina Capoeirar* entre a monitora e seus alunos capoeiristas. Por várias vezes, ao término das atividades Martinha diz às crianças e jovens: “_ *Parabéns, vocês evoluíram bastante! Prestaram atenção nas explicações!*”.

Assim como no caso de Mestre Salvador com seus alunos do Projeto de Formação I, os laços que Martinha estabelece com seus alunos da *Oficina Capoeirar* não se limitam apenas às atividades de capoeira.

Geralmente ao término das atividades da *Oficina*, Martinha é acompanhada por alguns de seus alunos até o ponto de ônibus onde, às vezes, estabelecem longos diálogos. Além disso, ex-alunos seus também a cumprimentam, falam com ela, contam coisas, planos de vida.

Eis aí, um dos maiores, se não o maior, princípio moral valorizado na capoeira: a *camaradagem*, o respeito, a preocupação com o companheiro capoeirista. Conversam entre si conscientes dos princípios que devem reger a relação que estão estabelecendo, aprenderam (na “roda” e levam, inevitavelmente à vida cotidiana) os limites de seu espaço e de seu companheiro, usam entre si o “código de ética”, podemos dizer, da capoeira em suas relações. Um código onde a deferência, o companheirismo e até mesmo, a desconfiança estão presentes, pois esta última também é parte deste código – embora não tão visível aos olhos alheios, mas que, certamente, guia as atitudes de quem passou pelo mundo da capoeira: confiar “desconfiando” como ensinou Mestre Bimba a seus alunos e que ficou como lição aos capoeiristas de hoje.

Sendo praticada num projeto comunitário, vemos que a capoeira, servindo a interesses pedagógicos possui suas particularidades e uma dessas particularidades é a visão ensinada aos freqüentadores da *Oficina Capoeirar*, tal como no Projeto de Formação I, de que a capoeira não é violenta.

Sobre isso, sigamos o depoimento de Priscila, 15 anos, freqüentadora da Oficina:

Priscila – *Muita gente pensa que capoeira é violenta. Pensa que a capoeira é um esporte violento, mas a gente faz ela, a gente faz. Tem como fazer ela violenta ou não. Sempre que eu tenho oportunidade eu venho pra ajudar ou pra me envolver um pouco (na “roda” de capoeira).*

Wilson – Bom, e o que você acha da capoeira? Você acha que ela te ajudou em alguma coisa em sua vida?

Priscila – *Ajudou muito.*

Wilson – Em quê?

Priscila – *A refletir tudinho que eu fazia.*

Wilson - Ah! É, como assim?

Priscila – *Sei lá, antes eu pensava diferente.*

Wilson - Diferente como?

Priscila – *Você só ouve falar da capoeira, que a capoeira é violenta só que não. Ela te ensina a não ser violento.*

Wilson - E como você era antes de praticar a capoeira, assim?

Priscila – *Eu era muito estúpida, eu era muito agressiva. Qualquer coisa eu já estourava. Só que eu fui fazendo capoeira e fui aprendendo que não era só com a violência.*

Wilson - Como você acha que a capoeira te ensinou a fazer isso? Como foi essa mudança?

Priscila – *Pelo que a Martinha falava e pelo incentivo que os amigos também dá. Pelo esforço. Tem uma união entre nós.*

Wilson - E como é que é? Por exemplo, eu vejo que o pessoal é *camarada* na “roda”, mas e quando vocês não estão na “roda”? Por exemplo, os seus amigos estão lá jogando capoeira. A gente percebe um respeito entre eles ali. Você acha que essa mesma relação acontece na rua também? De repente se os dois estiverem na rua, numa praça, eles vão ter essa mesma relação de respeito?

Priscila – *Eu acho que sim, porque eles mesmos falam que capoeira não é só naquela hora. É dentro e fora da “roda”.*

Outra freqüentadora, Taís, 13 anos, diz o seguinte sobre a relação capoeira x violência:

Wilson – E você falou que era estúpida, assim, como é que era?

Taís – *Ai, sabe assim, minhas colegas falavam comigo e eu começava a levar na ignorância. Sabe assim, eu levava na ignorância. Porque eu vejo assim que, se eu quiser ser bem tratada eu tenho que tratar os outros bem.*

Wilson – E como você aprendeu isso?

Taís – *Na capoeira.*

Wilson – De que jeito?

Taís – *Porque eu via assim, os alunos respeitando o outro, daí eu falei: Poxa! Por que eu não posso fazer igual? Daí eu fui mudando! Porque antes eu não conseguia ter relação com meus amigos. Daí quando eu vim para a capoeira assim, eu achei legal porque os meus colegas daqui, aceitam o limite deles e quando é pra brincar todo mundo brinca numa boa, e eles vêm conversar, me ajuda no que eu não tô conseguindo.*

Wilson – E foi difícil pra você?

Taís – *Mais ou menos, porque às vezes escapole alguma coisinha, mas melhorou!*

E em relação à capoeira como filosofia de vida, vemos no depoimento da mesma

Taís algo bastante interessante:

Wilson – E você acha que a capoeira te ajuda em alguma coisa na sua vida? Você acha que ela te ensina alguma coisa?

Taís – *Eu acho que ensina. Porque quem sabe quando eu crescer eu não seja uma boa capoeirista. Eu penso, talvez, em ser professora de capoeira.*

Wilson – Ah! É, por quê?

Taís – *Eu acho tão legal assim sabe. A Martinha, ela transmite o pensamento dela na capoeira, quando ela tá ensinando. Quando a gente começa a desinteressar ela chama a atenção, sabe. Ela fala assim que nada a gente consegue sem tentar. Então é por isso que toda vez a gente tenta fazer melhor que a gente pode.*

Wilson – E você acha que isso foi válido pra você?

Taís – *Foi! Porque, eu penso assim, quando eu tô estudando, daí eu tiro uma prova com nota ruim, daí se a professora dá outra chance de recuperação daí eu vejo que eu posso fazer melhor que aquilo.*

A fala desta freqüentadora da *Oficina Capoeirar* é importante, pois vemos de maneira bastante evidente como os princípios da capoeira, no caso de sua fala a autoconfiança e perseverança, podem extrapolar as relações restritas da “roda” de capoeira e auxiliar nas diversas tarefas impostas no dia-a-dia, como, por exemplo, no desempenho escolar. Não se trata, evidentemente, de simples mandamento a ser seguido. Trata-se, isso sim, de um valor moral que é incorporado pelo praticante de capoeira, de modo que este valor passa a ser acreditado como princípio incondicional para se viver de maneira mais satisfatória.

Agora, vamos a um depoimento bastante comovente e, certamente, muito significativo da importância da capoeira praticada em projetos comunitários, enquanto prática que se propõe a resgatar crianças e jovens à cidadania^[30].

A, 14 anos e frequentador da *Oficina Capoeirar*, diz:

Wilson – Como você ficou sabendo da *Oficina Capoeirar*?

A – *Foi com o D. Ele já era aluno daqui, aí me chamou.*

Wilson – Por que você gosta de fazer capoeira? Por que você acha que é importante ser capoeirista?

A – *O problema é que tipo assim né, antes de eu conhecer esse D né, eu já tava já, tipo perdido entendeu? Tava usando droga, daí ele chegou, trocou idéia comigo. Ele chegou pra mim e falou assim “_ Aí, pra você evitar esses amigo seu, eu vou levar você pra capoeira. Daí eu cheguei troquei idéia com ele, daí eu fiquei na capoeira.*

Wilson – E você tem idéia do que você vai querer para profissão? Você já chegou a pensar nisso, ou não?

A – *Eu tenho sonho, mano, de ser mestre de capoeira. Eu não falto das aula.*

Wilson – E a sua idéia é o quê, é continuar aqui na *Oficina*?

A – *É continuar no Projeto até acabar e quando acabar eu vou pra outro, mas com a capoeira eu continuo.*

Wilson – E o que você acha da Martinha?

A – *Ah! A Martinha é uma professora nota 10. Sabe por quê? Porque a Martinha quando vê que cê tá ruim pra fazer um movimento, ela deixa os outros alunos que tão certo treinando e chama você pro canto e é assim, até a gente pegar o jeito da “coisa” (isto é, aprender o movimento). Oh! Eu adoro esse Projeto porque, que nem tipo assim, eu já era pra tá tipo já morto, talvez nem tava mais aqui, né?*

Wilson – Você acha que a capoeira te ajudou muito então?

A – *Me ajudou e muito!*

Wilson – E como você acha que a capoeira te ajudou assim?

A – *Primeiro eu tenho que dá graças ao D que me encontrou. Quando ele me encontrou eu tava bem feio. Ele veio trocar idéia comigo.*

Wilson – Mas vocês já eram amigos, ou não?

A – *Nós era amigo. Eu morava aqui antes no bairro, aí eu mudei de novo, saí daqui corrido porque os caras queriam matar meu irmão, aí saí corrido. Aí, nesse intervalo, nós ia pra uma lagoa daí um amigo meu que chamava P que começou incentivar falano: “_*

Usa aí, é bom!” E eu bobão usava. Daí depois, quando eu encontrei o D, ele começou a me dar conselho, a me ajudar. E depois quando eu vim aqui a Martinha também falano do Projeto, aí começou a explicar do Projeto “Ame a Vida Sem drogas” daí eu fui se acalmando e parei. Até hoje! Eu quero ser um capoeirista pra eu ter minha vida assim, eu ser um mestre.

Wilson - E pensar em voltar a estudar você não pensa?

A - *Tô pensano! A Martinha conversou comigo já, e tô pegano uma vaga numa escola lá embaixo pra estudar de noite e voltar a estudar.*

Wilson - E a Martinha conversa com você sobre essas coisas?

A - *Conversa, ela dá altos conselhos pra nós! É porque às vezes acontece qualquer coisinha você já fala, eu não vou fazer mais, né. Mas, problema todo mundo tem. Quantas vezes eu já não caí de cabeça no chão, mas falei, vamo aí, vamo treinar de novo, treinando a gente chega lá. Se você faz errado e cai no chão, a próxima vez cê já fala, eu vou fazer certo pra não cair no chão, pra não cair de novo.*

Wilson – Certo! Você quer falar mais alguma coisa, ou podemos parar por aqui?

A – *Eu queria dar os parabéns pra Martinha porque ela é uma professora que ajudou eu bastante, né? Como que a turma antes me chamava “Bocão”, porque meu nome nos tempos que eu usava drogas era “Bocão” porque eu queria chegar e catar tudo, não queria deixar nada pra ninguém. Daí colocaram esse apelido em mim de “Bocão”. Mas agora, graças a Deus, é A meu nome só. A molecada aí da Oficina Capoeirar me ajudou bastante. Então agora eu tô aqui e eu vou virar um mestre de capoeira e qualquer dia eu vô tá dano aula e falano com você como sendo um mestre, falano “_ Aí, consegui chegar até lá, virei um mestre!”, você vai ver!*

Wilson - E esses seus ex- amigos que usavam drogas junto com você? Você tem notícias?

A - *A maioria morreu, ou a polícia matou ou ... Agora, outros que me vêem assim forte, porque antes eu era um palito, fala: “_ Pô! Eu queria ter saído das drogas. Como você conseguiu?” Daí eu falo, “_Eu lutei, do mesmo jeito que eu entrei eu lutei pra saí!*

*Nossa mano, antes eu tinha tudo e agora eu não tenho nada. Que nem, cê entrava na minha casa eu tinha daquelas televisão grandona, e agora eu não tenho nada! Aquilo que não te pertence nunca vai ser seu. Que nem, cê tem que lutar nem que cê cata latinha na rua, mas cê vai saber que aquela televisão que cê comprou é do seu suor. Eu aprendi isso, que eu não vou podê tirá as coisa dos outros (**Choro**) . Tirá as coisa dos outros, o que eu vô ganhá nisso? Eu não vou ganhar nada!*

Wilson – E essa idéia sua, que você tá colocando agora, de que você tem que ter o que é seu e tal ... você acha que a capoeira de alguma forma te mostrou isso?

A – *Mostrou! Porque tipo, esse uniforme, eu sei que não é meu, mas como ele tá comigo eu tenho que cuidar. Eu tenho que zelar por ele. Porque se um dia acabar o Projeto eu vou entregar esse uniforme! Vou falar “_ Ó, meu uniforme tá aqui limpo!” Aí então a Martinha já vai falar “_ Ah! Você foi um cara fiel”. Porque tem muitos aí que desaparece com o uniforme, você nem vê mais no mapa. O uniforme já era! Mas, e se um dia ele passa uma vergonha. Passa num lugar e vê a Martinha lá? A Martinha vai olhar pra ele e ele não vai saber aonde pôr a cara.*

Este depoimento é rico em detalhes^[31], o próprio leitor pode se aventurar no exercício de esmiúçá-lo e constatar os princípios morais valorizados na capoeira que estão embutidos nessa fala. No entanto, gostaria de chamar a atenção para alguns aspectos. Primeiramente, a atuação de um capoeirista, o amigo **D**, incentivando **A** em sair das drogas e convencendo-o a praticar a capoeira. Evidentemente que o ato de convencimento de **D** ao amigo **A** é decorrente dos próprios valores morais acreditados por **D**. Em segundo lugar gostaria de chamar a atenção para um trecho da fala de **A**.

*“Que nem, cê tem que lutar nem que cê cata latinha na rua, mas cê vai saber que aquela televisão que cê comprou é do seu suor. Eu aprendi isso, que eu não vou podê tirá as coisa dos outros (**Choro**) . Tirá as coisa dos outros, o que eu vô ganhá nisso? Eu não vou ganhar nada!”*

Fica evidente por esse trecho do depoimento, de que maneira a capoeira se torna eficaz em seus princípios morais. Não se trata de se seguir uma lição qualquer ensinada. Trata-se do poder de convencimento pelo qual tal princípio moral é legitimado. Neste sentido, os capoeiristas seguem determinado princípio não porque são obrigados a segui-lo, necessariamente, mas porque acreditam na sua lógica. Quando **A**, ao falar de sua atuação em furtos, se pergunta: “o que eu vô ganhá nisso?”, concluindo logo em seguida: “Eu não vou ganhar nada!”, ele está, evidentemente, convencido disso; está convencido da lição que aprendeu na capoeira.

Vamos ao depoimento de **D**, capoeirista que ajudou **A** em sua recuperação.

D tem 13 anos de idade:

Wilson - Como você vê isso, de ter trazido o **A** para a *Oficina Capoeirar*?

D – *Ah! Eu vejo como uma coisa boa né. Ele tá mais gordo, engordou, tudo, largou daquelas coisas (drogas). Pratica esporte, tá fazendo capoeira comigo, tem vez que ele joga até bola com nós lá na rua!*

Wilson - Por que você achou que a capoeira seria importante na vida do **A** quando você o trouxe pra cá? O quê você acha que a capoeira tinha pra ensinar pra ele?

D – *O primeiro esporte que cuidava do tempo dele assim perto, mais perto de casa é a capoeira e porque é de graça também, né! Conforme eu trouxe ele aí na capoeira, ele ocupou o tempo dele e, tipo assim, ele ficou pensano mais na capoeira, né! Aí a capoeira mais ou menos tomou conta né, do pensamento dele. E sempre quando não tem capoeira ele fica falano “_ Pô! Não chega logo, né!” Aí eu falo, “_ Calma, calma, mano, daqui a pouco vem!”. Daí todo dia que tem capoeira dá 3:00 horas da tarde e ele já tá lá em casa já, pronto pra vim pra cá. Daí nós espera dá 3:30 horas, aí nós vêm para a aula que começa às 4:00 horas.*

Nas entrevistas transcritas acima percebemos alguns pontos em comum nas falas dos freqüentadores da *Oficina Capoeirar*, a começar pela importância atribuída à figura da monitora Martinha dentro e fora da “roda” de capoeira. Sem dúvidas, a monitora de capoeira se apresenta como um espelho, um pólo de referência, aos alunos capoeiristas. Isto se evidencia nas falas, principalmente, de Taís e **A** que vêm em Martinha, monitora da *Oficina Capoeirar*, um exemplo a ser seguido enquanto conduta profissional.

Nos depoimentos, os princípios da capoeira aparecem de forma evidente. Na fala de **A**, por exemplo, vemos despontar um dos principais valores do mundo capoeirista: o princípio da honradez, acompanhado da noção de se preservar, se respeitar “*o que é dos outros*”. Além disso, a *camaradagem*, a irmandade e o companheirismo entre monitora e alunos e entre alunos torna-se igualmente evidente.

Com a fala dos sujeitos envolvidos nesta pesquisa percebemos a potencialidade da capoeira enquanto prática pedagógica na formação de crianças e jovens envolvidos nos projetos sócio-educacionais pesquisados. No caso da *Oficina Capoeirar*, em específico, podemos testemunhar o caso de **A**, cujo sucesso para se desvencilhar das drogas é atribuído, dentre outros fatores, à prática da capoeira.

Em suma, as falas das crianças e jovens evidenciam que, de fato, a capoeira tem todas as possibilidades de ser educativa dependendo da intencionalidade e direcionalidade de quem a pratica.

Considerações Finais: ***A Arte de Disciplinar* e os Projetos sócio-educacionais**

A capoeira, antes *arte de vadiar*, ao tornar-se *arte de disciplinar* – e não nos esqueçamos que tal processo é reflexo de um ardoroso projeto idealizado pelo Estado nas primeiras décadas do século XX – passou a ser entendida como eficaz prática ao melhoramento do corpo e da conduta pessoal, digna de ser praticada por “cidadãos de bem”. Esta *arte de disciplinar*, vem sendo, cada vez com mais freqüência, aplicada em projetos sócio-educacionais como condutora aos princípios de cidadania.

Wilson R. Penteado Júnior.

Neste estudo, buscamos mostrar como a capoeira, antes tida como *arte de vadiar*, após tornar-se *arte de disciplinar*, é recuperada em projetos sócio-educacionais na experiência de educação com crianças e jovens pertencentes às camadas sociais menos favorecidas na contemporaneidade. Analisando a atuação da prática capoeirística em projetos desta natureza, constatamos sua eficiência, justificada pelos princípios morais legitimados a partir da escola de capoeira de Mestre Bimba na Bahia dos anos trinta.

A partir daquele momento, vários princípios morais foram eleitos como genuinamente capoeirísticos. Aspectos dicotômicos como:

Destreza x Força física

Malícia x Violência

Autoridade x Autoritarismo

Respeito x Medo

passaram a ser trabalhados nas atividades desenvolvidas por mestres de capoeira como verdadeiros mandamentos.

Guiadas por esses princípios morais, as atividades desenvolvidas nas “rodas” de capoeira em academias especializadas, em atividades escolares nas aulas de educação física e, visivelmente, em projetos sócio-educacionais como demonstramos aqui, apresentam-se

marcadas por valores moldados pela autoridade (dos mestres), pelo respeito mútuo (entre os participantes da “roda”), pela disciplina, pela pontualidade, pela assiduidade, etc.

Quando falamos aqui da capacidade da capoeira enquanto prática educativa capaz de conduzir freqüentadores de projetos comunitários aos princípios de cidadania, não estamos querendo dizer que se tratam de lições, ensinadas por alguém (mestre ou monitor de capoeira) e que são mecanicamente seguidas pelos alunos. Mais que isso, estamos falando de uma prática sócio-cultural complexa que, no limite, é entendida por seus praticantes como filosofia de vida, isto é, como um modelo a ser seguido cujos valores que contemplam essa prática são incorporados pelos sujeitos praticantes exatamente porque dão sentido às suas próprias vidas.

Por isso, o princípio que orienta o esforço de se executar com perfeição um movimento corporal na capoeira, por exemplo, pode servir para um bom desempenho nas questões escolares, como no caso de se superar uma nota ruim num exame de recuperação – como no caso de **Taís** freqüentadora da *Oficina Capoeirar*. Ou ainda, não mentir ao mestre ou monitor de capoeira, ser honesto, *camarada* com os colegas capoeiristas pode refletir na obrigação de zelar pelo uniforme que não é de sua propriedade, além de outras medidas que possibilite se andar de “cabeça erguida”, sem dever nada a ninguém – como nos lembra a fala de **A**, freqüentador da *Oficina Capoeirar*.

Conclui-se, então, que ao invés de simples imposição, a prática da capoeira, em sua plenitude, proporciona um constante processo de autoconscientização aos seus praticantes. E isto se deve, particularmente, pela forma própria com que suas atividades se desenvolvem: um jogo onde o adversário se apresenta como elemento essencial e quanto mais forte ele for, mais valioso será, havendo certo tipo de cooperação, um pacto, entre os jogadores. Esse pacto acontece, principalmente, no que se refere a seguir absolutamente as regras do jogo e no fato de cada um buscar o seu melhor desempenho, representando, encenando, exibindo movimentos corporais precisos, respeitando os limites do outro e os seus próprios onde a regra não é eliminar o adversário, e sim, ser mais esperto que ele.

Sendo um jogo “sem juiz”, a capoeira longe de representar uma prática sem regras, exige de seu praticante, autoconfiança e noções de limites que são apreendidas nas relações mantidas com o mestre nas diversas atividades.

Muito se tem falado na capoeira como uma prática que “*nasceu pela ânsia da liberdade*” referindo-se ao surgimento da capoeira como reação ao sistema escravocrata no Brasil. Porém, ao seguir esta máxima, não podemos nos esquecer que a capoeira, mesmo

surgindo num contexto em que seus praticantes ansiavam pela liberdade (no caso, os escravos capoeiras), sempre esteve marcada pela hierarquia. Se pensarmos na capoeira praticada nos grandes centros urbanos brasileiros do século XIX, lembraremos das relações de poder e dominação que se estabeleciam entre as *maltas* de capoeiras e entre essas e os estratos mais elevados da sociedade da época. E, num momento posterior, com a incorporação da capoeira enquanto esporte nacionalmente valorizado, assistimos à crescente importância da figura de mestres de capoeira que, cada vez mais, passavam a exigir de seus discípulos assiduidade, respeito mútuo, pontualidade, etc.

Assim, o que temos hoje na capoeira, é uma prática que tem suas origens justificadas pela ânsia de liberdade, porém, marcada por princípios moldados pela autoridade (do mestre de capoeira), pelo respeito mútuo (entre os capoeiristas), pela disciplina, e outros princípios morais fortemente evidenciados, valorizados e ensinados nas atividades capoeirísticas. Assim, a liberdade a que os mestres de capoeira referem-se em seus discursos não corresponde à noção de “fazer o que se quer”. Trata-se, isso sim, do princípio de se utilizar o próprio corpo como forma de expressão, forma de se libertar dos sentimentos de raiva e descontrole emocional, obedecendo a princípios previamente explicitados no jogo da capoeira.

Os princípios morais mantidos nas relações entre mestre de capoeira e seus discípulos na “roda” e fora dela é o que confere eficiência educativa à capoeira.

Junto a isso, há certamente a importância dos movimentos corporais na capoeira que, evidentemente, fazem parte desta filosofia de vida. A rigorosidade com que os gestos corporais devem ser executados é algo que sem dúvidas conduz o capoeirista a uma disciplina voltada para seu próprio corpo. Sobre a importância dos gestos corporais no convívio em sociedade, Cláude Lévi-Strauss (1974), nos diz que:

“... os gestos, em sua aparência insignificantes, transmitidos de geração em geração, protegidos por sua própria insignificância, freqüentemente testemunham muito mais do que jazidas arqueológicas ou monumentos figurados”.

(Lévi-Strauss, 1974:5),

o que significa que, os gestos nas atividades de capoeira não são gratuitos e, nem tampouco, sem sentido. Ao contrário, eles denunciam um engenhoso processo de técnicas corporais que os capoeiristas – conhecidos e anônimos – imprimiram ao longo do tempo.

E mais, esses gestos criados, recriados, adaptados e incorporados por sujeitos sociais praticantes da capoeira desde suas origens até os dias atuais não se fizeram de forma amistosa, isto é, surgiram através de relações de poder. Ao se eleger “este” e não “aquele” movimento como o mais adequado ao jogo de capoeira, sujeitos sociais impuseram sua forma de expressão.

Quando Mestre Bimba na Bahia dos anos trinta resolveu incorporar publicamente movimentos corporais de outras lutas marciais à capoeira, ele acabou por construir uma forma muito precisa do que deveria ser a *Capoeira Regional Baiana*.

Por sua vez, seu contemporâneo, Mestre Pastinha, ao defender a “pureza africana” da capoeira, criando o estilo *Capoeira Angola* e, para se diferenciar da escola de Mestre Bimba, elegendo movimentos que deveriam apresentar características próprias, estava também criando o seu estilo.

Ou seja, ambos estavam impondo estilos a serem seguidos. E assim, muito do que se produziu naquela época – como os mandamentos da Escola de Mestre Bimba ou os golpes ensinados por Mestre Pastinha – se imortalizou (não sem alterações e algumas adaptações) aos nossos dias, onde mestres capoeiristas reafirmam o que aprenderam com seus mestres de outrora.

Podemos entender a figura do mestre de capoeira como sendo a figura central, o ponto de referência dos capoeiristas, não só durante o evento da “roda” de capoeira como também fora dele. Como demonstramos em páginas anteriores, isso é bastante evidente nos projetos sócio-educacionais que pesquisamos, onde a capoeira pode ser entendida como processo educativo na medida em que permite ao mestre ou monitor de capoeira criar, adaptar e recriar sobre seus fundamentos princípios conducentes aos fins almejados.

Em nossa sociedade, marcada pela estratificação social, onde, inevitavelmente, contingentes humanos são colocados em situações de diversos graus de exclusão social, sendo impedidos de ter acesso aos diversos bens estruturais existentes, surgem medidas (públicas e/ou privadas) para amenizar tais contradições e os projetos sócio-educacionais de cunho comunitário que buscam a integração plena de setores socialmente excluídos são parte dessas medidas.

Como bem lembraram os estudiosos Berger e Luckmann (1973):

“As instituições, pelo simples fato de existirem, controlam a conduta humana estabelecendo padrões previamente definidos de conduta, que a canalizam em uma direção por oposição às muitas outras direções que seriam teoricamente possíveis”.

(Berger & Luckmann, 1973:80).

No caso específico de instituições como as que apresentamos aqui, que desenvolvem atividades sócio-educacionais com crianças e jovens em condições de exclusão social, o que vemos é um esforço, por parte delas, em adequar estes setores sociais desfavorecidos à *cidadania*.

Diante disso, buscando lograr êxito em suas funções, tais instituições lançam mão de uma série de atividades consideradas capazes de conduzir seu público freqüentador ao modelo idealizado de cidadão. E, neste contexto, a capoeira é aplicada para tal fim, ao lado de outras atividades como a dança, as artes plásticas e o canto; cada qual com suas especificidades e potencialidades.

Nos casos particulares que analisamos, através das atitudes dos sujeitos envolvidos e das entrevistas realizadas, pudemos constatar que a prática da capoeira, comporta efetivas possibilidades de conduzir crianças e jovens dos setores desfavorecidos a tais princípios.

Ao afirmar que a capoeira se apresenta como prática disciplinadora – uma *arte de disciplinar* – não estou desprezando a importância da malícia, da *mandinga* e do improviso, pois como demonstrei no corpo deste estudo, todos estes elementos estão presentes e evidenciados nas atividades desenvolvidas nos projetos sócio-educacionais estudados. No entanto, venho demonstrar que estes aspectos estão fortemente guiados, na capoeira praticada em instituições dessa natureza, a outros elementos igualmente importantes como a pontualidade, a obediência, a disciplina e outros valores exaustivamente decantados nas relações entre mestres e seus discípulos.

Bibliografia

I – Bibliografia Geral

- ARAÚJO, Alceu Maynard. **Cultura Popular Brasileira**. 3 ed. São Paulo: Melhoramentos, 1977.
- ARIÉS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1981. 2ª ed.
- AZEVEDO, Aluísio de. **O Cortiço**. São Paulo: Livraria Martins Editora, S/d (Coleção Literatura de Biblioteca Brasileira).
- BENJAMIN, Walter. **Reflexões: A criança, o brinquedo, a educação**. São Paulo: Summus, 1984. (Coleção Novas Buscas em Educação; vol. 17).
- BERGER, Peter. & LUCKMANN, Thomas. “A sociedade como realidade objetiva”. In: **A Construção Social da Realidade**. Petrópolis: Editora Vozes, 1973. (Coleção Antropologia 5).
- BOURDIEU, Pierre. “A ‘juventude’ é apenas uma palavra” In: **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero, 1983.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- _____ “O Saber Surge e Circula”. In: **Educação Popular**. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- CÂMARA CASCUDO, Luís da. **Folclore do Brasil / Pesquisas e Notas**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1967.
- CARDOSO, Ruth C. L. **A Aventura Antropológica: teoria e pesquisa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. **Negros Estrangeiros: os escravos libertos e sua volta à África**. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- _____ “Etnicidade: da cultura residual mas irreductível”. In: **Antropologia do Brasil: mito, história, etnicidade**. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- CARVALHO, José Murilo de. **Os Bestializados: O Rio de Janeiro e a república que não foi**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. 3ª edição.
- CHALLOUB, Sidney. “Cenas da cidade negra”. In: **Visões da Liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na corte**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

- CHARLOT, Bernard. "A idéia de Infância". In: **A Mistificação Pedagógica: realidades sociais e processos ideológicos na teoria da educação**. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1979.
- CHAUÍ, Marilena. "A Cultura do Povo e o Autoritarismo das Elites". In: VALLE, Edênio & QUEIRÓZ, José. (Orgs.) **A Cultura do Povo**. São Paulo: Cortez, 1984. 3^a ed.
- DAMATTA, Roberto. "A Casa e a Rua". In: **Carnavais, Malandros e Heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.
- DEBERT, Guita Grin. **Antropologia e Velhice**. Campinas: IFCH / UNICAMP, 1998. (Textos Didáticos no. 13) 2^a ed.
- FERNANDES, Renata S. **Entre nós o Sol: Um estudo sobre as relações entre infância, cultura, imaginário e lúdico em atividades de brincar em um programa público educacional não-escolar, na cidade de Paulínia _ SP**. Dissertação de Mestrado Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP. 1998.
- FREYRE, Gilberto. "O Sobrado e o Mucambo". In: **Sobrados e Mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1968. 4^a edição.
- FOUCAUL, Michel. "Disciplina". In: **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Editora Vozes, 1977.
- FRY, Peter. "Feijoada e *Soul Food*: notas sobre manipulação de símbolos étnicos e nacionais". In: **Para Inglês ver: identidade e política na cultura brasileira**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.
- GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.
- GODOY, Maria Cristina Ribeiro. **Expressão e Comunicação: uma proposta para o professor**. Petrópolis: Vozes, 1977.
- GREGORI, Maria Filomena. **Viração: experiência com meninos nas ruas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- HERSKOVITS, Melville Jean. **Antropologia Cultural**. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1964.
- KRAMER, Sônia. **A Política do Pré-Escolar no Brasil: a arte do disfarce**. Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1987.
- _____ "Pesquisando infância e educação: um encontro com Walter Benjamin". In: KRAMER, Sônia & LEITE, Maria Isabel Pereira (Orgs). **Infância: Fios e Desafios da pesquisa**. Campinas-SP: Papyrus, 1997.

- LÉVI-STRAUSS, Cláude. “Introdução à obra de Marcel Mauss”. In: MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Edusp, 1974.
- LIMEIRA, Eudense de Albuquerque. **A Comunicação Gestual**. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1977. (Série Universitária 2).
- MALINOWSKI, Bronislaw Kasper. “Introdução”. In: **Os Argonautas do Pacífico Ocidental**. São Paulo: Abril Cultural, 1976.
- MANN, Peter H. **Métodos de Investigação Sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- MAUSS, Marcel. “As Técnicas Corporais”. In: **Sociologia e Antropologia**. Vol. II. São Paulo: Edusp, 1974.
- MOURA, Roberto. **Tia Ciata e a Pequena África no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1995. 2ª. Edição.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. “O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever”. In: **O Trabalho do Antropólogo**. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Editora Unesp, 2000.
- ORTIZ, Renato. **Cultura Brasileira e Identidade Nacional**. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- POGGI, Gianfranco. **A Evolução do Estado Moderno: uma introdução sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.
- QUIJANO, Aníbal. “Notas sobre o conceito de marginalidade social”. In: PEREIRA, Luiz (Org.). **Populações Marginais**. São Paulo: Duas Cidades, 1978 (Coleção História e Sociedade).
- RIZZINI, Irma. **Assistência à infância no Brasil: uma análise de sua construção**. Rio de Janeiro: Editora Universitária Santa Úrsula, 1993.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. “Imagens de ‘negros’ em diferentes momentos: uma análise diacrônica” In: **Retrato em Branco e Negro: Jornais, escravos e Cidadão em São Paulo no final do século XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- SOUZA CAMPOS, Ângela Valadares Dutra de. **O Menor Institucionalizado: um desafio para a sociedade**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1984.
- YUNES, Lúcia Maria. “Trabalho, Saúde e Educação: uma proposta para a formação do jovem”. In: ADAMO, Fábio A. & Outros. **Juventude: Trabalho, Saúde e Educação**. Rio de Janeiro: Forense – Universitária, 1987.
- WEBER, Max. “A Objetividade do Conhecimento nas Ciências Sociais”. In: COHN, Gabriel (Org). **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1997.

II – Bibliografia sobre Capoeira

- AREIAS, Almir das. **O que é capoeira**. 2ª. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- BARÃO, Adriana de Carvalho. **O Ritual Performático na Capoeira**. Trabalho de Monografia. Universidade Estadual de Campinas – SP, 1998.
- _____. **A Performance Ritual da Roda de Capoeira**. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Campinas – SP, 1999.
- BARBIERI, Cesar. **Um Jeito Brasileiro de Aprender a Ser**. Brasília: DEFER/GDF, 1993.
- BRITO, Elto Pereira de. **No Caminho do Mestre**. São Paulo: [s.n.] 1998.
- BRUHNS, Heloisa Turini. **Futebol, Carnaval e Capoeira: entre as gingas do corpo brasileiro**. Campinas-SP: Papirus, 2000.
- CAPOEIRA, Nestor. **Galo já Cantou**. Rio de Janeiro: Cabicieri Editorial, 1985.
- CORDEIRO, Izabel Cristina Araújo. **Bota Mandinga ê... a Esportivização da Capoeira em Questão**. Trabalho de Monografia–Universidade Estadual de Campinas-Campinas SP, 1992.
- FALCÃO, José Luíz Cirqueira. **A Escolarização da Capoeira**. Brasília: ASEFE – Royal Court, 1996.
- JARDIM, Marta Lima. **Projeto Capoeirar: uma proposta de ensino da capoeira como parte integrante do Projeto: “Ame a Vida Sem Drogas”, em realização na Rede Pública de Ensino de Campinas. Um relato de experiência**. Trabalho de Monografia _ Universidade Estadual de Campinas – SP. 1999.
- LIMA, Luiz Augusto Normanha. **Capoeira Angola: lição de vida na civilização brasileira**. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1991, 142 p.:il
- _____. **O Contexto Educacional dos Discursos dos Mestres de Capoeira em Academias da Cidade de São Paulo**. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual Paulista (UNESP), Rio Claro, 1990a.
- _____. **A Capoeira: um discurso em extinção**. Trabalho de Monografia. Universidade Estadual Paulista – UNESP, Rio Claro, 1990b.
- LOPES, Odailton Pollon. **A Capoeira na Universidade**. Trabalho de Monografia. Rio Claro - Universidade Estadual Paulista – UNESP, 1991.
- MACHADO, Lara Rodrigues. **Capoeira e Dança na Educação de Adolescentes**. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, 2001.

MONTERO, Paula. “A Dialética da Mandinga”. In: SOUSA REIS, Letícia Vidor de. **O Mundo de Pernas Para o Ar: a capoeira no Brasil**. São Paulo: Publisher Brasil, 1997.

OLIVEIRA, André Luiz de. **Os Significados dos Gestos no Jogo da Capoeira**. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1993.111f.

OLIVEIRA SILVA, Gladson de. **Capoeira: do engenho à universidade**. São Paulo: coordenadoria de Comunicação Social. USP, 1993.

PENTEADO Jr., Wilson Rogério. “O Nascimento da ‘Arte Marcial Brasileira’: a Capoeira nos anos Trinta”. Disponível em *CD ROM do II Encontro de Humanidades da Unicamp, 2004*.

PIRES, Antônio Liberac Simões. **A Capoeira no Jogo das Cores: criminalidade, cultura e racismo na cidade do Rio de Janeiro (1890-1937)**. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 1996.

_____. **Movimentos da Cultura Afro-brasileira: a formação histórica da capoeira contemporânea (1890-1950)**. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 2001.

REGO, Waldeloir. **Capoeira Angola: ensaio sócio-etnográfico**. Salvador: Itapoã, 1968.

REIS, André Luiz Teixeira. **Brincando de Capoeira: recreação e lazer na escola**. Brasília: Ed. Valcy, 1997.

RIBEIRO, Antônio Lopes. **Capoeira Terapia**. Brasília: Secretaria dos Desportos, 1992.

SALVADORI, Maria Ângela Borges. “Capoeiras: onde começa a história ou mantendo a tradição. In: **Capoeiras e Malandros: pedaços de uma sonora tradição popular (1890-1950)** Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas. Campinas-SP, 1990.

SHAFFER, Kay. “A associação do berimbau com a capoeira”. In: **O Berimbau-de-Barriga e Seus Toques**. Monografia Nacional de Arte (Funarte) & Ministério da Educação e Cultura, 1977.

SOARES, Carlos Eugênio Líbano. **A Negregada Instituição: os capoeiras no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Biblioteca Carioca, 1994.

_____. **A Capoeira Escrava no Rio de Janeiro: 1808-1850**. Tese de Doutorado Universidade Estadual de Campinas. Campinas-SP, 1998.

_____. “Festa e Volência: os capoeiras e as festas populares”. In: CUNHA, Maria Clementina Pereira. (Org). **Carnavais e Outras F(r)estas : ensaios de historia social da cultura**. Campinas-SP: Unicamp, CECULT, 2002.

SODRÉ, Muniz. “Capoeira: um jogo de corpo”. In: **A Verdade Seduzida**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.

SOUSA REIS, Letícia Vidor de. **O Mundo de Pernas Para o Ar: a capoeira no Brasil**. São Paulo: Publisher Brasil, 1997.

VIEIRA, Luiz Renato. **O Jogo de Capoeira: cultura popular no Brasil**. Rio de Janeiro: Sprint, 1998. 2ª edição.

III – Periódicos

Jornal da Unicamp. “A Capoeira e outras tradições rebeldes”. Entrevista com Carlos Eugênio Líbano Soares. Outubro de 2001. pp. 22-23, Campinas-SP.

Correio Popular. “A Capoeira Salva um (dois e até 130), meu irmão”. Reportagem publicada em 25 de Outubro de 1998, Campinas-SP.

Revista Trabalhadores. “Classes Perigosas”. Associação Cultural do Arquivo Edgard Leuenroth/ Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. Campinas-SP. nº. 6, 1990.

IV – Produções Audiovisuais

Quilombo (Filme)

Direção: Carlos Diegues

Duração: 119 min.

(1984 Brasil).

A Performance Ritual da Roda de Capoeira (Documentário)

Direção: Adriana de Carvalho Barão

Duração: 45 min.

(1999 Brasil – Acompanha dissertação de Mestrado disponível na Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP).

[1] Entendemos o conceito de cidadania neste trabalho, como sendo o exercício e o gozo de direitos civis e políticos, implicando também o desempenho de deveres, que possibilitam ao indivíduo inserir-se na sociedade à qual pertence.

[2] Fala de Mestre Salvador em entrevista concedida ao jornal de Campinas “Correio Popular” em 25 de outubro de 1998 na reportagem “A capoeira salva um (dois e até 130) meu irmão”.

^[3] Mais a diante veremos em detalhes como surgem os estilos *Capoeira Angola* e *Capoeira Regional Baiana* e suas principais diferenças entre si.

^[4] Sobre o retorno de negros libertos no Brasil à África ver Manuela Carneiro da Cunha **Negros Estrangeiros: os escravos libertos e sua volta à África**, 1985.

^[5] Kay Shaffer observa que em todas as gravuras produzidas antes do século XIX a capoeira é ilustrada sem a figura do berimbau e que a associação dessa prática com o instrumento só ocorreu bem tarde, talvez somente no fim do século XIX (cf. Shaffer, 1977). E ainda, segundo o historiador Carlos Eugênio Líbano Soares (1998), uma das mais possíveis áreas de origem do berimbau é o leste e o sudeste do interior da região de Benguela. Para isso ver sua obra **A Capoeira Escrava no Rio de Janeiro: 1808-1850**. Tese de Doutorado – Universidade Estadual de Campinas – Campinas – SP, 1998.

^[6] Vale observar que esta noção do corpo como instrumento de luta nos remete ao pensamento do reconhecido sociólogo Marcel Mauss para quem “*O corpo é o primeiro e o mais natural instrumento do homem. O mais exatamente, sem falar de instrumento, o primeiro e mais natural objeto técnico*” (Mauss, 1974:217).

^[7] Também no filme brasileiro “Quilombo” dirigido por Carlos Diegues, em 1984, há cenas em que os negros jogam capoeira em Palmares – quilombo formado por negros na região nordeste do país por volta do século XVII.

^[8] Cf. informações contidas em Soares (1998).

^[9] A doutrina racial evolucionista surgiu na Europa e serviu, principalmente, para justificar a dominação de povos europeus, como os britânicos, em continentes como África e Ásia no contexto do neocolonialismo pregando que havia “raças superiores” (os europeus) e “raças inferiores” (os demais povos). Os pressupostos dessa doutrina ganharam *status* de ciência alcançando uma projeção bastante grande. No Brasil, o evolucionismo se fez sentir no discurso das autoridades civis sobre os segmentos negros. Pautando-se numa abordagem biológica do social, pressupunham a inferioridade racial do negro e daí sua incapacidade de transcender o estado de “barbárie” (cf. Souza Reis, 1997).

^[10] A circulação dos negros escravos no meio urbano se fazia necessária devido às atividades que desempenhavam como vendedores, carregadores e tantas outras funções a eles atribuídas por seus donos.

^[11] Gazear, conforme o dicionário Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, significa “faltar ao trabalho para vadiar”.

^[12] O *Boogie Woogie* foi uma importação norte-americana de influência africana, que fez sucesso entre brasileiros na primeira metade do século XX, segundo Rego (1968:331).

^[13] As observações no Projeto de Formação I tiveram duração de 11 meses (agosto de 2000 a julho de 2001).

^[14] Segundo a coordenadora pedagógica do Projeto, há uma tendência, nas Escolas da região, em se oferecer vagas para crianças do ensino primário na parte da manhã, o que faz com que essas crianças concentrem-se na “casinha” no período da tarde. O inverso ocorre com os jovens: por serem obrigados a estudarem na escola à tarde, vão à “casinha” no período da manhã.

^[15] Isso não significa afirmar, que não continuou a existir uma ou outra criança que insistia em saber sobre minhas anotações durante as “rodas” de capoeira na “casinha”.

^[16] Entrevista realizada com o coordenador geral do Projeto de Formação I da Fundação Orsa em 23 de agosto de 2000.

^[17] Esse risco de envolvimento com drogas e más companhias está muito presente na fala dos frequentadores durante as entrevistas que realizei. As crianças que fazem referência a esse tipo de assunto, durante as entrevistas, argumentam que a “casinha” foi boa porque os impediu de “caírem nas drogas”.

^[18] Em alguns diálogos transcritos neste trabalho, indicaremos apenas a inicial do nome da criança ou jovem entrevistado, a fim de preservar suas identidades. Já as falas do pesquisador serão indicadas, em todos os diálogos, pelo seu nome, Wilson.

^[19] Para ser um frequentador do Projeto de Formação I é necessário que o candidato a uma vaga no Projeto esteja em situação escolar regular.

^[20] Não é permitido na “casinha”, crianças (ou jovens), ficarem andando pelos corredores fora do local onde acontecem as atividades do grupo ao qual pertencem.

^[21] Tanto o *maculelê* quanto a *puxada de rede* são danças que, tradicionalmente acompanham as apresentações públicas de capoeira. Muitas crianças que resistem em desenvolver os movimentos da capoeira, se empolgam em participar dessas danças.

^[22] AU é o movimento da capoeira popularmente conhecido como “estrelinha”.

^[23] Cocorinha é uma esquivada simples e consiste apenas na posição agachada ou tradicionalmente conhecida como cócoras (cf. Reis, 1997).

^[24] Mestre Salvador refere-se ao tamanho do salão coberto – local onde ocorriam as “rodas” de capoeira. Durante as atividades de capoeira, Mestre Salvador reclamava constantemente do tamanho do espaço. Para

ele, seria ideal localizar as crianças em um ambiente em que houvesse espaço suficiente apenas para comportar a roda de capoeira. Isso porque, segundo ele, as crianças ficavam muito dispersas devido ao tamanho da quadra, e não se concentravam como deveriam na “roda”.

^[25] Mesmo com o desligamento do Mestre Salvador do Projeto, continuei minhas observações na “casinha”. Com a saída do Mestre de capoeira surgiu uma nova atividade para as crianças: as artes cênicas. Com isso, passei a acompanhar as crianças nesta atividade.

^[26] Mortal é o movimento na capoeira em que o capoeirista desenvolve uma cambalhota no ar e cai com os pés apoiados no chão.

^[27] Gislene atualmente frequenta também a academia de Mestre Salvador, localizada no centro da cidade. Além dela, vários ex-freqüentadores do Projeto de Formação I, optaram por prosseguir na capoeira com Mestre Salvador e hoje são alunos seus em sua academia. Cabe observar ainda, que estes ex-freqüentadores deixaram o Projeto quando se tornaram maiores de 17 anos, idade limite permitida pela instituição.

^[28] Além da FEAC estão envolvidos neste Projeto o Conselho Municipal de Entorpecentes, o Conselho Municipal de Direitos da Criança e do Adolescente (ambos do Município de Campinas), a Federação Brasileira das Comunidades Terapêuticas e o Grupo de Empresários Amigos das Crianças.

^[29] O núcleo em que acompanhei as atividades de capoeira funciona na EE Prof. Messias Teixeira, localizada no Distrito de Nova Aparecida em Campinas.

^[30] Aqui, como numa das entrevistas realizadas com algumas crianças do Projeto de Formação I, indicarei as falas do entrevistado apenas pela letra inicial de seu nome a fim de preservar a identidade do mesmo.

^[31] Peço desculpas ao leitor pela longa transcrição das entrevistas apresentadas acima. Optei por transcrevê-las praticamente na íntegra por acreditar que eventuais interrupções poderiam comprometer a riqueza das informações contidas nas falas desses sujeitos - no que se refere ao lugar ocupado pela capoeira em suas vidas cotidianas.